

LUSAQ TV



EDITORIAL

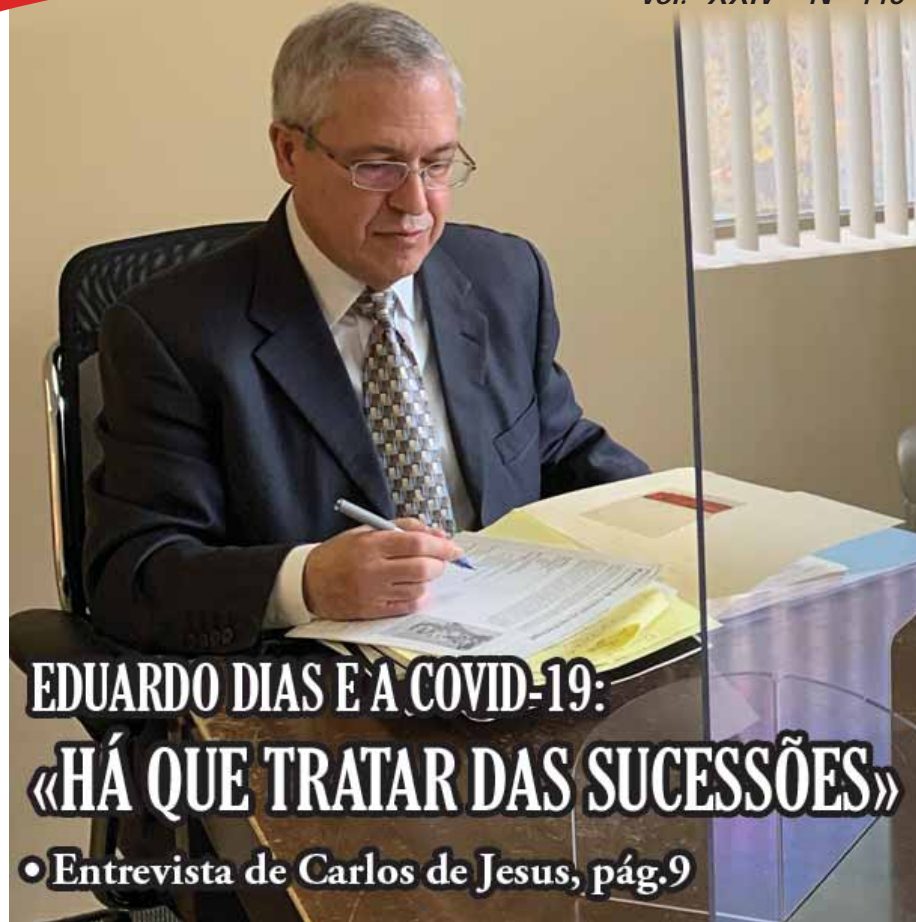
ESTUPEFAÇÃO

Por Carlos DE JESUS

A única palavra que encontro para descrever o resultado das eleições presidenciais dos Estados Unidos da América é estupefação. No momento de escrever estas linhas, ainda não há um vencedor declarado e incontestável do escrutínio da passada terça-feira. E, provavelmente, ainda se vão passar alguns dias ou semanas para que o Supremo Tribunal dos Estados Unidos da América se decida a nomear o futuro presidente daquele país. Sim, porque mesmo que Joe Biden venha a ganhar a maioria do colégio eleitoral, Donald Trump já anunciou num Tweet que vai recorrer do veredicto junto daquela instância judicial, por burla eleitoral!

A minha estupefação vem também do facto de que as sondagens, ao correr desta longa campanha eleitoral, nos terem dado o candidato democrata com largo avanço, em todos os estados, dando a Joe Biden uma vantagem que oscilava entre os 8 e os 10%. Considerando o erro magistral das sondagens de 2016 que davam a vitória a Hillary Clinton, seria de esperar que, desta vez, as empresas de sondagem tivessem sido mais rigorosas nos seus inquéritos para não se cobrirem de vergonha como da primeira eleição de Donald Trump. Mas não, os resultados publicados até agora dão os dois contendores quase par a par. Resultado, os resultados das previsões de todos os

— Continua, pág. 14



EDUARDO DIAS E A COVID-19: «HÁ QUE TRATAR DAS SUCESSÕES»

• Entrevista de Carlos de Jesus, pág.9



NO CENTRO DE AJUDA À FAMÍLIA... MARIA JOSÉ RAPOSO É A NOVA DIRETORA

• Entrevista de Joaquim Eusébio, pág.3

IMPACTO DE MONTREAL... DENTRO OU FORA?

Por Norberto AGUIAR

O ano recamboloso que estamos a viver devido ao Coronavírus, também no futebol ele tem feito das suas...

Por exemplo, nesta cada vez mais espetacular organização desportiva que é a Major League Soccer, a Covid-19, a doença que resulta do Coronavírus, não só tem posto jogadores, técnicos e dirigentes em quarentena, isto é, fora das competições futebolísticas norte-americanas, e não só, como tem influído no seu próprio normal desenvolvimento.

Tudo começou a meados de março, quando os dirigentes da MLS se viram obrigados a interromper o campeonato, isto depois de duas jornadas disputadas. Entretanto, esperava-se

— Continua, pág. 2



www.eco-depot.ca

MONTREAL affilié

8710 Pascal Gagnon, St-Leonard, Qc H1P 1Y8

Tel.: 514-323-8936 • ccc@bellnet.ca



Consulado Geral de
Portugal em Montreal

Informação consular disponível 24 horas por dia, 365 dias por ano, em Português, Francês e Inglês

Quer saber que documentos são necessários para tratar de atos consulares? Consulte a seção **perguntas frequentes** do sítio web do Consulado. Quer conhecer os eventos organizados pelo posto consular e notícias de Portugal? Visite a página Facebook do Consulado.

DEVIDO À COVID-19, TODOS OS ATOS CONSULARES EXIGEM MARCAÇÃO PRÉVIA, EFETUADA ONLINE.

Tem dúvidas como proceder ao agendamento online? Consulte o **manual de agendamento** e a **tabela de correspondência**, disponíveis no sítio web.

Sítio web: montreal.consuladoporlugal.mne.pt

Facebook: Consulado Geral de Portugal em Montreal – Canada

CHEGA DE FAZER SALA PARA O “FIQUE EM CASA” O MEU DESASSOSSEGO...

● Por Lélia PEREIRA NUNES

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta.

O que ela quer da gente é coragem.”

João Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*, 1956.



No início de maio resolvi registrar numa escrita diarística tudo que vem acontecendo desde a eclosão da Covid19 e os inúmeros decretos restritivos. Queria apenas ficar por dentro do que ia acontecendo e navegar a sabor deles. O que é o Diário senão uma escrita que cresce dia a dia e que depende do tempo cronológico, o grande protagonista, e de fatos que emergem sem que se possa antever ou dar um ponto final. O projeto não andou e o bonito caderno de capa vermelha, elegante, continua virgem... Na verdade, continuaram passando os dias, os meses, a mesmice. Fui despistando-me com outros afazeres e alguns compromissos ou convites que estavam por cá num “chove-não-molha.” Em maio, escrevi um artigo para o livro *Viagens*, organizado pela Editora Letras Lavadas de Ponta Delgada. Em junho, uma crônica para *Avós: Raízes e Nós*, publicado pela Alma Letra Edições, de Lisboa. Por último, a revisão dos *Caminhos do Divino e Na Esquina das Ilhas* em nova edição, bem como a saída de *Pedra de Toque* pela Dois por Quatro Editora, de Florianópolis.

Logo, não escrevi uma linha do que pretendia ser um diário e já com título definido – “Diário do Desassossego em Quarentena.” Inspirado no Livro do Desassossego, obra póstuma do poeta Fernando Pessoa, sob o semi-heterônimo de Bernardo Soares, um quase diário composto por inúmeros fragmentos de trechos, reunidos e publicados em 1982. Uma multiplicidade de temas tais como oscilações do seu estado de espírito e a angústia do seu desassossego diante da vida, retratando a condição da alma humana numa prosa poética inquieta e reflexiva.

Março, Abril, Maio, Junho, Julho, Agosto, Setembro e Outubro... O tempo encapsulado no calendário dos dias, meses e anos, mas nunca domado. Agora, em tropel galopeia agarrado pelas crinas do corcel, num ritmo vertiginoso e angustiante, de um acontecer acontecendo junto à vida, aos afetos, à família, deixando para trás todas as datas celebrativas que tanto bem faz. É “o tempo a galope” de que fala o escritor catarinense Umberto Grillo. Fico a imaginar que não tem fim.

Os sentimentos desde a implantação das medidas de confinamento social em 17 de março passado não são os mesmos do dia de hoje com o outubro já a transcorrer. Do assombro dos primeiros dias ao consenso do “fique em casa” para evitar o contágio, a contaminação de familiares, amigos, das pessoas que encontramos no dia a dia. Como num espetáculo da “Lanterna Mágica”, a famosa precursora do cinematógrafo, apresentada na Vila do Desterro em 1785, pelo navegador francês La Pérouse, vi passarem em toscos quadros os meses, escorrendo o ano. Pra trás ficou a Páscoa, Dia das Mães, os festejos juninos em honra dos populares Santo Antônio, São João, São Pedro.

Chegou o outono, passou outono, entrou inverno com temperatura abaixo de zero, dias com flocos de neve pintando de branco a paisagem e com muita geada na serra catarinense. O Julho invernal veio com jeito de verão e à distância beije minha neta Larissa pelo aniversário e noivado. Já o Agosto foi friorento e eu continuava aqui confinada e me sentindo “injurada” por não estar no 1º. aniversário de meu neto Sebastian e nem assistir a saída dos dentinhos e seus primeiros passos. Tudo foi virtual, menos os sentimentos abrigados no meu coração de avó.

Viva, Setembro! “Come September” no embalo da canção de Bobby Darin, sucesso dos idos anos 60. Cheia de esperança imaginei que quando “Setembro vier” tudo vai ser diferente e o que é ruim ficará para trás. Afinal, é o mês que nasci e gosto de curtir o meu aniversário e da minha irmã Célia, alguns anos mais experiente. Na verdade, curtimos. Eu aqui, desde Florianópolis e ela em São Paulo. Os nossos filhos, netos e amigos durante todo o dia se fizeram presentes, cada um a seu jeito.

Este foi um ano diferente e senti que o “fique em casa” ia ser o protagonista do dia. Tudo começou dias antes ao olhar-me no espelho. Que espanto! Cabelos compridos escorridos, bem abaixo do ombro e lábios descorados sem um toque de batom há quase seis meses. Parecia uma “Monalisa” esmaecida. Nem pensar! Corri ao cabelereiro para um total banho de beleza.

Assim, dia 18 de setembro, uma linda sexta-feira e não por acaso dia nacional da cerveja, saí com minha filha Caroline para celebrar meus bem vividos e saudáveis 74 anos lá na Toca da Garoupa. Não ia ficar em casa no meu aniversário, numa gostosa noite de sexta-feira, fazendo sala para o “Fique em casa”.

Na inevitável sucessão dos dias vivi Setembro de manhãs iluminadas com o florescer das *bouganvilles* numa explosão de flores e de cores antes mesmo de começar a Primavera. Escrevo num outubro correndo para o seu final e não vejo nenhuma luz ao fundo do túnel.



Lélia Pereira Nunes, a paixão pelos Açores.

Pelo contrário, tive que desconstruir um projeto acalentado de ir aos Açores em Novembro e apresentar os meus livros “Pedra de Toque” e a II edição do “Na Esquina das Ilhas”, nas Ilhas Terceira, Faial, Pico, São Jorge e dar uma passadinha em São Miguel.

O que eu não daria para ir de Ilha em Ilha, abraçando bem forte os muitos amigos açorianos? Matar a saudade das conversas pegadas sem qualquer pressa, do mar de “carneirinho”, do cheiro da terra negra, de sentir o vento na cara, de sentar no chão e espalhar a minha bagagem e sacos no cais da Madalena do Pico ansiosa à espera do barco para a Horta ou para o cais das Velas de São Jorge.

Hoje, 21 de outubro, é um dia muito especial para os catarinenses do litoral. Há 273 anos, 473 açorianos partiram do porto de Angra, Ilha Terceira,

ra, levando a âncora da esperança. Fugiam da pobreza. Buscavam um futuro venturoso nas terras do sul do Brasil para fazer o novo mundo carregando as ilhas dentro de si. E fizeram...

Continuo aqui no meu desassossego para começar de novo tal como fala a canção de Ivan Lins imortalizada na voz de Elis Regina:

Começar de novo e contar comigo/Vai valer a pena ter amanhecido

Ter me rebelado, ter me debatido/ Ter me machucado, ter sobrevivido

Ter virado a mesa, ter me conhecido/ Ter virado o barco, ter me socorrido.[...]

Outubro de 2020. 📅

PEIXE DO MEU QUINTAL OS ROMBOS DA DEMOCRACIA PORTUGUESA

● Por José SOARES

Entre várias, há uma sondagem que dá ao partido ‘Chega’ 20% de apoio popular neste momento.



Sendo um partido político nascido recentemente, não deixa de ser curiosa a sua rápida ascendência na sociedade portuguesa. E se este partido sobe, alguém está a descer. E de facto outras forças partidárias – senão todas – estão a sentir-se desta reviravolta e a ficarem preocupadas.

Mas este ou qualquer outro partido só nasce no seio de uma democracia. Se não tivéssemos um sistema livre e democrático, nenhuma força ideológica poderia ver a luz do dia.

Razão pela qual serem estereis as críticas e os ataques cerrados que a esquerda radical decidiu encetar contra a existência do ‘Chega’, indo ao ponto de lhe chamar ‘fascista’. Mas isso não me surpreende. Para os comunistas, tudo o que não seja marxista é fascista. Sendo que eles próprios, comunistas, se um dia a democracia lhes deixasse exercer plena governação, seriam igualmente fascistas, mas da extrema-esquerda, isto é, ditadores. Os ditadores nascem nos dois extremos.

Mas voltando ao partido de André Ventura, o ‘Chega’, notamos que o povo português está saturado dos abusos cometidos por alguns dos seus “democratas” do topo da pirâmide, nos três poderes importantes para a democracia portuguesa:

1- No poder político, temos o caso Sócrates, ex-primeiro-ministro, acusado de vários crimes e que não vou aqui repetir, por ser do conhecimento geral. Antes deste caso, já outros haviam acontecido, sem que nada se passasse. Nem uma demissão do cargo;

2- No campo financeiro, temos o caso do Banco Espírito Santo e do seu principal executivo Ricardo Salgado, a quem muitos políticos prestavam vassalagem. Acusado de vários crimes com prejuízos de centenas de milhões de euros, o caso corre ainda nos tribunais e levará tantos anos que mais uma vez, ninguém será efetivamente punido;

3- Por fim, temos agora a casta dos magistrados a ser posta em causa, com as acusações a alguns juizes sobre crimes igualmente muito graves. Daqui se compreende que a própria demo-

cracia tenha gerado estes maus exemplos e agora esteja a tentar um antídoto para se curar deles.

São infundados, portanto, todos os protestos, pragas e lagartos por parte do PCP e do Bloque de Esquerda contra o líder do ‘Chega’. Essa indisposição angustiante chama-se medo.

Tudo se resume ao apego ao poder. A perca da influência socializante que temos vindo a assistir desde o golpe de estado de 25 de abril de 1974.

Mas se houver eleitores que troquem de partidos, isso só representa a incapacidade política de uns perante as promessas de outros.

Afinal, em campanha todos prometem tudo, sabendo que mentem.

O povo está cansado de tanta vigarice a todos os níveis.

É por isso particularmente grave para a democracia portuguesa estas acusações agora surgidas a alguns juizes.

Afinal, depois de abusadas todas as barreiras da política e da finança, restava-nos o apego ao sistema judiciário – à Justiça.

Com mais este rombo na última barreira democrática, não admira que o desalento e o desânimo atinjam a confiança do cidadão e por isso mesmo proteste em diferentes direções ideológicas.

Acredito no entanto na democracia, pois esta reside na sua força fundamental: O Povo. 📅

IMPACTO... ————— Continuação da pág 1

o recomeço a todo o momento. Mas não foi o que aconteceu...

A meados de agosto, já depois da MLS ter organizado um torneio em julho de forma experimental, o Campeonato voltou aos estádios norte-americanos... até hoje.

Mas como o tempo não parou, os dias para acapararem as 34 jornadas do Campeonato tornaram-se escassos, obrigando os dirigentes a encurtar a competição das 34 jornadas para apenas 23...

A última jornada disputa-se este fim de semana, onde há tudo a decidir, para o título e para o apuramento da fase seguinte. Das 26 equipas da liga, ainda não há nenhuma eliminada!

O Impacto de Montreal, com uma época assim assim, tem domingo um jogo decisivo: ganha, apura-se; mas se perde, adeus corrida ao título... 📅

TRANSIÇÃO NO CENTRO DE AJUDA À FAMÍLIA... MARIA JOSÉ RAPOSO É A SUA NOVA DIRETORA GERAL

Entrevista conduzida por Joaquim EUSÉBIO

Prosseguimos a nossa ronda pelos organismos da nossa Comunidade para tentarmos determinar o impacto que a Covid tem tido e naturalmente uma razão nos leva a contactar o Centro de Ajuda à Família. Para lá de ser um organismo que naturalmente tem especial acuidade nesta época de pandemia, por outro lado tem uma nova diretora, Maria José Raposo. Por tudo isso, entrevistámos a jovem diretora do Centro para o LusoPresse e para a LusaQ TV.

LusoPresse/LusaQ TV – *Como é que a Maria José Raposo aparece neste momento à frente do Centro de Ajuda à Família?*

Maria José Raposo – O Centro existe há quase 25 anos. A Manuela Pedroso esteve na sua fundação. Ela pensou que este era o bom momento para se fazer a transição e ter uma nova equipa e uma nova pessoa à frente e eu fui escolhida pela minha energia, pela minha força de vontade e pelo facto de já há alguns anos aqui trabalhar. Era o momento ideal para se fazer essa transição, pois com a Covid todas as atividades estão em pausa.

LP/LQTV – *Normalmente aproveitam-se os momentos de crise para repensar a vida. Como o seu nome bem o indica, o Centro visa ajudar as famílias. Só as famílias portuguesas ou está aberto a todas as outras comunidades?*

MJR – Os serviços dão prioridade à Comunidade Portuguesa, melhor, à Comunidade Lusófona tanto de Montreal como do resto do Quebec. Somos neste âmbito o único organismo de língua portuguesa. As intervenções são feitas em Português. Recebemos frequentemente chamadas telefónicas de outras cidades, de pessoas que não falam o Francês, mas que precisam da nossa ajuda. Assim, os serviços dão prioridade às pessoas das comunidades lusófonas, mas estamos abertos ao resto da população, particularmente aos residentes no bairro do Plateau Mont-Royal. Temos um Banco Alimentar em cada semana e que está aberto a todos os moradores do bairro que necessitem, independentemente da sua origem étnica.

LP/LQTV – *Este Banco Alimentar já existia antes da pandemia. Teve necessidade de aumentar a sua atividade com a Covid?*

MJR – Assim foi de facto. Nos meses de abril e maio aumentou a sua atividade em quase 30%. A nossa média de apoio era aproximadamente de 60 a 70 famílias necessitadas e no mês de maio chegámos a 100 famílias. Ninguém podia vir ao Centro por causa da Covid, então tivemos que desenvolver um serviço de entregas ao domicílio que ainda prossegue neste momento. Exigiu um trabalho muito inten-

so sobretudo nos meses de abril e maio.

LP/LQTV – *E que vai prosseguir nesta nova vaga da pandemia. Os vossos serviços não se limitam ao apoio no âmbito alimentar. Há outras valências para ajudar as famílias, não é verdade?*

MJR – Temos a especialidade de apoio nos casos de violência familiar e conjugal. A nossa intervenção é de ajudar as vítimas bem como as pessoas que pretendem abandonar esses comportamentos violentos. Damos igualmente apoio às pessoas que pretendem crescer emocionalmente. Temos muitas atividades de encontro, de ajuda e de entreajuda de grupos de jovens e de menos jovens. Por outro lado, a pandemia fez-nos tomar consciência até que ponto as pessoas estão sozinhas, isoladas. Queremos a partir daqui dar uma maior atenção a esse aspeto. Dado o confinamento, as pessoas idosas estão fechadas em casa, não saem. Não houve festas este Verão. Mesmo as que estão num lar se sentem sozinhas. Essas pessoas não têm internet, nem um computador ou uma tablete... Os nossos idosos precisam de nós. As pessoas podem-nos telefonar para o (514) 982-0804. Temos aqui pessoas dispostas a ouvi-las e a ajudá-las.

LP/LQTV – *Muitas vezes o principal problema dessas pessoas é o isolamento, a solidão. Este vosso telefone é como se fosse uma janela que permite à pessoa idosa falar com outras pessoas, não se sentir sozinha.*

MJR – O ser humano não é feito para estar sozinho e esta pandemia tem o demonstrado. Por vezes não basta apenas o telefone. As pessoas que podem vir até ao Centro serão

recebidas por uma pessoa com sensibilidade e com formação académica e profissional disposta a ajudá-las. O Centro mantém-se aberto mesmo durante a pandemia.

LP/LQTV – *A violência doméstica e a violência conjugal continuam a ser um grande problema na nossa Comunidade, não é verdade?*

MJR – Infelizmente não é apenas na nossa Comunidade. Essa violência não é específica de uma classe, de uma étnia, de um nível de educação. Infelizmente está presente por todo o lado, não é apenas na nossa Comunidade. Mas nós estamos aqui para ajudar a nossa Comunidade nesse aspeto.

LP/LQTV – *O confinamento devido à pandemia ainda agrava mais essas situações de conflito familiar?*

MJR – Sem dúvida. Não podemos sair, não podemos falar, temos a outra pessoa permanentemente ao lado. As vítimas não podem sair de casa. Entre março e setembro, quando as crianças não iam à escola, os professores não podiam detetar esses sinais de violência...

LP/LQTV – *Qual é o vosso endereço?*

MJR – Como tratamos de situações de violência conjugal, o nosso endereço é confidencial, mas podem sempre contactar-nos previamente pelo nosso telefone.

LP/LQTV – *Quantas pessoas trabalham regularmente no Centro de Apoio à Família?*

MJR – Presentemente somos 4 pessoas: eu, a Manuela Pedroso, a Marta Fernandes e a Priscila Arcaro. É uma pequena equipa bem forte e bem coesa. Mas ao nosso lado temos uma grande equipa de voluntários



que dá uma imensa ajuda ao Banco Alimentar. São largas dezenas de pessoas que dão imenso tempo para ajudar o Centro. E quem quiser pode juntar-se a esta vasta equipa. Para isso basta consultar a página web do Centro.

Fazemos votos de que o Centro de Apoio à Família continue esta grande e nobre missão humanitária a que se dedica já há tantos anos, mas agora com força redobrada, não fosse a sua nova diretora uma antiga atleta de basquetebol, plena de força, de garra e de ideias. **LP**

Telefone e fax: (514) 849-9966

Alain Côté O.D.

Optométriste

Exame da vista, óculos, lentes de contacto

Clinique Optométrique Luso

4242, boul. St-Laurent,
bureau 204
Montréal (Qc) H2W 1Z3



Já com a nova diretora geral, Maria José Raposo, o Centro de Ajuda à Família conta com mais duas colaboradoras, Marta Fernandes e Priscila Arcaro. Manuela Pedroso, antiga diretora, passa à reforma.

Silva, Langelier & Pereira
é agora

Gaudreau
Assurances
www.gaudreauassurances.com

Ao serviço da comunidade portuguesa desde 1963

SEGUROS GERAIS

Automóvel • Locatário • Proprietário
Condomínio e Comercial

514-374-9944



gaudreauassurances.com

A DIREÇÃO DO LUSOPRESSE E DA LUSAQ TV APELA:

• Agora que o desconfinamento dá os primeiros passos, vamos todos apoiar o nosso comércio!

• Façamos as nossas compras nas padarias, mercearias, peixarias; visitemos os nossos restaurantes, cafés, e restantes comércios da Comunidade!

• Ajudemos os nossos empresários!
• Consumamos produtos locais!



Dra. Carla Grilo, d.d.s.

Dentista

Clínica Dentária Christophe-Colomb
Escritório

1095, rue Legendre est, Montréal (Québec)
Tél.: (514) 385-Dent - Fax: (514) 385-4020

FICHE TECHNIQUE LusoPresse

Le journal de la Lusophonie

SIÈGE SOCIAL

6475, rue Salois - Auteuil
Laval, H7H 1G7 - Québec, Canada
Téls.: (450) **628-0125**
(450) **622-0134**
(514) **835-7199**

Courriel: jornal@lusopresse.com
Page Web: www.lusopresse.com

Editor: Norberto AGUIAR
Administradora: Anália NARCISO
Contabilidade: Petra AGUIAR
Primeiros Diretores:
• Pedro Felizardo NEVES
• José Vieira ARRUDA
• Norberto AGUIAR
Diretor: Carlos de Jesus
Cf. de Redação: Norberto Aguiar
Adjunto/Redação: Jules Nadeau
Conceção e Infografia: N. Aguiar
Escrevem nesta edição:

- Norberto Aguiar
- Daniel Bastos
- Onésimo Teotónio Almeida
- Carlos de Jesus
- Mário Moura
- José Soares
- Osvaldo Cabral
- Joaquim Eusébio
- Maria Luísa Soares
- Maria Aida Batista
- Lélia Pereira Nunes

Revisora de textos: Vitória Faria

Société canadienne des postes-Envois de publications canadiennes-Numéro de convention 1058924

Dépôt légal Bibliothèque Nationale du Québec et Bibliothèque Nationale du Canada.

Port de retour garanti.



Produtor Executivo:

• Norberto AGUIAR
Contatos: 514.835-7199
450.628-0125

Programação:

• *Segunda-feira:* 21h00
• *Sábado:* 11h00
(Ver informações: página 5 e 7)

TUDO PARA (NÃO) DAR CERTO?

Por Osvaldo CABRAL

Há um factor crucial para que o próximo governo dos Açores tenha algum sucesso: falar verdade. Esconder informação, empurrar com a barriga os problemas, distorcer a realidade, manipular os números, tudo isso foi uma característica dos últimos governos e os cidadãos não gostaram disso.

Começou bem o acordo tripartido PSD, CDS e PPM ao anunciar o entendimento imediatamente a seguir a terem recebido o respetivo apoio dos seus órgãos internos.

Não disseram praticamente nada sobre propostas de ordem programática, mas foram rápidos a anunciar o compromisso e a prometer mais contactos com os outros partidos, eventualmente disponíveis, para se juntarem ao trio.

Cenário diferente, penoso e lastimável, temos assistido à actuação do Chega.

A confusão é de tal ordem que ninguém percebe, afinal, quem manda no partido aqui nos Açores.

André Ventura, na ânsia provinciana de retirar dividendos dos seus dois deputados, é que vai anunciando quais as condições do Chega para um eventual apoio a um futuro governo liderado pelo PSD, enquanto que as duas pobres criaturas eleitas no dia 25 remetem-se ao silêncio e não têm opinião sobre coisa nenhuma.

Um triste espectáculo que já levou à demissão do seu Vice-Presidente regional, trazendo alguma honra a esta pouca vergonha que é o vergar dos órgãos regionais ao ditame do projecto pessoal de Ventura.

Não vão longe com esta atitude.

Já imaginaram o que seria António Costa e Rui Rio a porem-se nos bicos dos pés e a darem instruções aos órgãos regionais sobre como deveriam agir?

Nuno Barata tem razão, já somos suficientemente adultos para decidirmos por nós próprios o nosso destino.

Deixarmos que sejam os barões de Lisboa a decidir por nós é uma autêntica humilhação.

Se os deputados eleitos do Chega querem recuperar a honra perdida, ou assumem as rédeas da condução do Partido ou é quase certo que irão passar por um enxovalho popular, nada bom para quem começa.

Toda esta desorientação dá uma perspectiva, cada vez mais clara, de que esta legislatura não vai chegar ao fim.

A coligação à direita consegue o seu objectivo comum, que é retirar o PS do poder, mas depois vai esfalhar-se em inúmeras contradições ideológicas e programáticas que poderão criar muita instabilidade.

Ao mínimo desentendimento o PS não perderá a oportunidade para apresentar uma moção de censura para testar a unidade à direita.

Um governo à esquerda com o apoio de um partido à direita também seria outra contradição, pelo que não há mais nenhuma alternativa, a não ser a do Bloco Central, a mais robusta de todas, mas sem hipótese de concretização.

Daí a enorme responsabilidade de todos



os partidos que viabilizarem uma das hipóteses.

Se não houver estabilidade política, teremos um problema sério, porque vamos atravessar uma tormenta, já no início de 2021, que requer uma união de esforços muito consistente e duradoura por parte de todos os partidos, com vista ao encontro de soluções para os tempos que aí vêm.

Vamos ter - aliás, já temos - uma urgência social e económica pela frente que não pode aguardar pelo relógio das lutas partidárias e das tricas internas de cada um.

Os estímulos à economia açoriana e a forte intervenção social que se avizinham serão a prioridade absoluta do novo governo, seja ele qual for, se quisermos manter a cabeça à tona de água, sem criar mais pobreza e menos empregos, como já está a acontecer.

A famosa bazuca, com o avassalador envelope de fundos comunitários, tem que funcionar o mais cedo possível, fugindo-se à tentação de a utilizar para tapar os buracos ruinosos criados nos últimos anos pela administração pública regional.

Exige-se do próximo governo verdade e transparência junto dos cidadãos, actuando rapidamente e apresentando sem rodeios o estado em que se encontram as Finanças Públicas e o que é preciso fazer e refazer para parar o desperdício e alavancar a nossa riqueza.

A criação de trabalho e o aumento da produção para o bolo da riqueza regional tornam-nos-á mais fortes.

Investir sim, mas com estratégia e rigor nos projectos, sobretudo na área do turismo.

A agricultura, sector essencial da nossa economia, vai conhecer a partir de 1 de Janeiro de 2021 uma nova PAC (Política Agrícola Comum), com a boa notícia de que não haverá cortes no envelope financeiro e em que os próprios governos dos estados membros poderão elaborar os seus próprios planos estratégicos para os próximos sete anos, sem passar pelo crivo de Bruxelas.

É bom que o próximo governo comece a tratar disso logo que tome posse, pelo que vai precisar de uma equipa na respectiva secretaria regional que saiba dar conta do recado.

Só falta, agora, convencer a Comissão Eu-

ropeia da aprovação do POSEI sem cortes.

Não podemos voltar a falhar no Mar.

A economia azul foi uma miragem nos últimos anos, sem investimentos repressores de rendimento, nem para armadores, nem para pescadores.

Tem que haver um objectivo estratégico prioritário a médio prazo, que conjuge a criação de riqueza com uma melhor distribuição de rendimentos.

A nossa região tornou-se num enorme arquipélago de precariedade, de perda de talentos e numa sociedade cada vez mais envelhecida e com a menor esperança de vida do país.

Inverter isto não é numa legislatura, é certo, mas pode-se começar a trilhar o caminho para uma recuperação que seja emblemática e motivadora para as novas gerações.

Há muitas tempestades novas que vão surgir, para além das que o novo governo vai herdar.

A catástrofe que se abateu sobre a SATA precisa de mão firme para a sua recuperação, mas também muito conhecimento do mundo da aviação e do novo paradigma que a indústria do sector vai enfrentar no pós-pandemia.

O próximo governo, se for de coligação dos partidos até agora da oposição, não devia substituir a actual administração até completar o seu trabalho de recuperação da empresa, estabelecendo prazos e objectivos bem definidos.

Ao contrário de outras companhias de aviação por esta Europa fora, a SATA vai arrancar com a sua reestruturação muito mais tarde, por irresponsável teimosia eleitoral. Mesmo que aprenda com os erros dos outros, vai levar mais tempo a chegar à retoma, já que a reestruturação devia estar a rodar em pleno há muito tempo.

Os dias de emergência impõem um forte consenso alargado, uma espécie de pacto regional para o desenvolvimento, em que, apesar de tudo, há duas notícias boas para gerir bem pelo próximo governo: o aparecimento das vacinas que reduza ou acabe com a pandemia e a tranche milionária que vem de Bruxelas.

Se não houver uma liderança forte, estaremos mergulhados num poço sem retorno.

Deixem-se de lutas mesquinhas e abracem os desafios, em nome de todos nós, cidadãos apreensivos.



PRESIDENTE DA REPÚBLICA PROMULGA NOVA VERSÃO DA LEI DA NACIONALIDADE

LISBOA, Estremadura - O Presidente da República promulgou terça-feira passada a nova versão do diploma do Parlamento que altera a Lei da Nacionalidade, considerando que "acolhe na generalidade as recomendações feitas à anterior versão", que vetou em agosto.

De acordo com uma nota publicada no portal da Presidência da República na Internet, Marcelo Rebelo de Sousa "congratula-se com a nova versão do decreto da Assembleia da República que acolhe na generalidade as recomendações feitas à anterior versão submetida e devolvida, sem promulgação, à Assembleia da República no passado dia 21 de agosto, pelo que promulgou o decreto".

A nova versão deste diploma foi aprovada no dia 02 de outubro, com votos favor de PS, BE, PCP, PAN, PEV e das deputadas não inscritas Joacine Katar Moreira e Cristina Rodrigues, votos contra de PSD, CDS-PP, Chega e a abstenção da Iniciativa Liberal.

Antes desta votação, a vice-presidente da bancada socialista Constança Urbano de Sousa afirmou que o PS iria "atender plenamente" às objeções que estiveram na origem do veto de Marcelo Rebelo de Sousa.

Quando vetou a primeira versão deste diploma, em 21 de agosto, o chefe de Estado referiu-se à "dispensa de aplicação do regime genérico quanto a casais ligados por matrimónio ou união de facto com filhos em comum, filhos esses dispondo de nacionalidade portuguesa".

"Afigura-se-me politicamente injusto, porque desproporcionado, desfavorecer casais sem filhos, bem como, sobretudo, casais com filhos, dotados de nacionalidade portuguesa, mas que não são filhos em comum", considerou.

Segundo o chefe de Estado, "a presunção material de maior coesão ou estabilidade nos casais com filhos, e, neles, com filhos em comum, filhos esses dotados de nacionalidade portuguesa" era "levada longe de mais".

"É claramente o caso se houver filho ou filhos nacionais portugueses mas que não são em comum do casal. Também, em casais sem filhos, e que, em muitos casos, os não podem ter", acrescentou.



Éditeur et rédacteur en chef : Norberto Aguiar
Directeur : Carlos de Jesus
www.lusopresse.com • jornal@lusopresse.com




O vosso programa de
televisão em português!
Sem custos para o telespectador



PROGRAMA SEMANAL

HORA	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO					
5:00	BossBen	MAG TV	Yoga Passion	Appuntamento con Nick & Silvana	Yoga Passion	Vivere bene	AVA TV					
5:30		Yoga Passion	Kalimera Patrida		Saluti Da	MCT						
6:00	Hay Horizon	Doc #1	Madagascar TV	Escu TV	Madagascar TV	Yoga Passion	Hay Horizon					
6:30			LusaQ TV	Yoga Passion	Le monde de demain	Table de Maria						
7:00	MAG TV	Table de Maria		Madagascar TV	AVA TV	Hay Horizon	Zornica					
7:30	Il Est Écrit	Zornica		Vivere bene		Kalimera Patrida	Kalimera Patrida					
8:00	Yoga Passion	Madagascar TV		Yoga Passion	Table de Maria	MAG TV	Il Est Écrit	Le monde de demain				
8:30	Yiayia's K.	Kalimera Patrida	Arts & Lettres	Femme et Pouvoir	Kalimera Patrida	Femme et Pouvoir	Il Est Écrit					
9:00	Escu TV	AVA TV	Ça va causer	BossBen	Femme et Pouvoir	Madagascar TV	BossBen					
9:30	Kalimera Patrida				Fatto in casa a MTL	MAG TV						
10:00	Femme et Pouvoir	Yoga Passion	Escu TV	Yiayia's K.	Yiayia's K.	Yiayia's K.	Escu TV					
10:30	Arts & Lettres	Yiayia's K.	Zornica	Madagascar TV	Yoga Passion	Zornica	Yoga Passion					
11:00	Personalité	Le Grand Maghreb Arabe	Tele-Ritmo V	Yoga Passion	MCT	LusaQ TV	MAG TV					
11:30	Ça va causer			Tele-Ritmo V	Escu TV		Zornica					
12:00	Table de Maria	LusaQ TV	BossBen	MAG TV	Table de Maria	BossBen	Madagascar TV					
12:30					Pinoy Pa Rin		Arts & Lettres					
13:00	Madagascar TV	Ça va causer	Hay Horizon	LusaQ TV	Yiayia's K.	AVA TV	Personalité					
13:30	Pinoy Pa Rin				Personalité		Pinoy Pa Rin					
14:00	Le Grand Maghreb Arabe	MCT	MAG TV	Pinoy Pa Rin	Ça va causer	Yiayia's K.	Hay Horizon					
14:30		Yiayia's K.	Table de Maria	MCT		Arts & Lettres						
15:00		Hay Horizon	Escu TV	AVA TV	Yiayia's K.	Le Grand Maghreb Arabe	Ça va causer	Tele-Ritmo V				
15:30	Femme et Pouvoir		Arts & Lettres									
16:00	AVA TV	Tele-Ritmo V	Femme et Pouvoir	Personalité	Tele-Ritmo V	Escu TV	Le Grand Maghreb Arabe					
16:30			Yiayia's K.	Zornica		Kalimera Patrida						
17:00	OMNI NEWS (ARABIC)											
17:30	Zornica	Personalité	Pinoy Pa Rin	Escu TV	Table de Maria	Le Grand Maghreb Arabe	Table de Maria					
18:00	BossBen	AVA TV	LusaQ TV	Hay Horizon	BossBen		MCT	AVA TV				
18:30												
19:00	OMNI NEWS(ITALIAN)											
19:30	Il Paradiso Delle Signore	Il Paradiso Delle Signore	Il Paradiso Delle Signore	Il Paradiso Delle Signore	Il Paradiso Delle Signore	Vivere bene	Fatto in casa a MTL					
20:00	Appuntamento con Nick & Silvana	La nostra Storia	Padelle & Grembiuli	Vivere bene	Fatto in casa a MTL	Appuntamento con Nick & Silvana	Padelle & Grembiuli					
20:30		Pinoy Pa Rin	Escu TV	MAG TV	Pinoy Pa Rin		Zornica					
21:00	LusaQ TV	Hay Horizon	Le Grand Maghreb Arabe	BossBen	AVA TV	Tele-Ritmo V	Kalimera Patrida					
21:30							MCT					
22:00	OMNI NEWS (MANDARIN)											
22:30	OMNI NEWS (CANTONESE)											
23:00	OMNI NEWS (TAGALOG)											
23:30	OMNI NEWS (PUNJABI)											
0:00	BossBen	Escu TV	BossBen	AVA TV	Le monde de demain	Madagascar TV	LusaQ TV					
0:30		Zornica			Tele-Ritmo V	MAG TV						
1:00	Hay Horizon	LusaQ TV	Femme et Pouvoir	Hay Horizon	LusaQ TV	Table de Maria	Hay Horizon					
1:30			Tele-Ritmo V			Le Grand Maghreb Arabe						
2:00	AVA TV	Table de Maria	Pinoy Pa Rin	Ça va causer	Pinoy Pa Rin	Yoga Passion	Ça va causer					
2:30		Personalité										
3:00	Yoga Passion	Le Grand Maghreb Arabe	MCT	Kalimera Patrida	BossBen	MCT	AVA TV					
3:30	Femme et Pouvoir		Table de Maria	Table de Maria		Kalimera Patrida						
4:00	Tele-Ritmo V	Ça va causer	Yiayia's K.	Yiayia's K.	AVA TV	Escu TV	Zornica					
4:30			Yoga Passion	MAG TV		Femme et Pouvoir	Personalité					



Tél.: (514) 289-9367

Almoços e Jantares
Petiscos à Portuguesa

Aberto das 7 a.m. às 3 a.m.

Transmissões de futebol via satélite

4051 St-Dominique, Montréal, Québec H2W 2A6



CHOURICÔR Inc.

4031 DE BULLION
MONTREAL, QUEBEC
H2W 2E3

Charcuterie et viande en gros ou détail,
épicerie, bière, vin, etc.

JOE MELO
CARLOS CABRAL

TEL.: (514) 849-3808
FAX: (514) 849-9651



3204 ,Jarry Est
514-729-9494 • www.ocantinho.ca

Cantinho

GRILLADES PORTUGAISES

Cantinho express

BOLA

8042, St-Michel
514-376-2652

5825, Henri-Bourassa
514-321-6262

COMO IRÃO ELES SAIR DISTO

● Por Maria LUÍSA SOARES

É motivados por esta interrogação, que se irão reunir em assembleia extraordinária alguns pensadores de antanho. Viveram no planeta desde os tempos primordiais da existência humana e só o deixaram quando a lei da mortalidade os atingiu.



Adão, o 1º a chegar, vem contrafeito pois que a companheira Eva se recusou a vir: Nem penses, que iria eu fazer no meio de tanta gente que me culpa de ser eu a responsável pelo fim da vida boa de que desfrutávamos no Paraíso terrestre. Eu, a tentadora, a que te levou por pecaminosos caminhos. E tu, tão santinho, tão irresponsável a deixar que eu arcasse com toda a culpa, todos os males que daí advieram.

Indira Gandhi e Simone de Beauvoir a compreenderem muito bem a atitude de Eva, bem como todas as outras mulheres presentes. Mas atenção porque Platão tem algo a acrescentar: Ela deu o passo que devia ser dado, só assim saiu da Caverna e se lhe abriram os olhos para o conhecimento da verdade. Ah, como as sombras e os ecos podem distorcer a verdade. Eu por mim, admiro-a: destruiu o conhecimento preconceituoso do senso comum.

– Apoiado, amigo Platão, é a voz de George Orwell, não se deve obedecer a quem nos quer controlar a todo o custo. Se bem que isso tenha um preço: lembremo-nos do meu querido Winston que quis viver de acordo com as suas regras e foi terrivelmente castigado.

– Bem, o que eu pergunto, o que nos perguntamos todos agora é: como irão os nossos irmãos vivos sair da atual situação de pandemia? Como irão eles estancar a hemorragia do contágio? Ah se tivessem adotado o modelo que lhes deixei da minha ilha, A Utopia... intervém Thomas More.

– A China tem fortes responsabilidades: quem a mandou silenciar ditatorialmente o médico que descobriu o vírus? Atrasou imenso os meios de defesa, observa alguém.

– Ora pois, há que tempos que por lá vigora o Grande Irmão do George...

– E o pior é que faltam líderes globais para combater esta crise, reconhece Winston Churchill.

– Enquanto houver um deles a aconselhar que a melhor vacina poderá ser as pessoas injetarem-se com lexívia, vai ser lindo, vai.

– Talvez o estado hipnótico sugerido pelo Aldous Huxley fosse mais aconselhável na atual conjuntura.

– A realidade destes tempos está a superar as nossas previsões, companheiros. Sim, que despalante um governante ousar dizer sem o mínimo disfarce “Atirem a matar!” sobre quem não obedeça às suas ordens.

– Não tenhamos dúvidas, intervém George Orwell, a democracia poderá ser a 1ª grande vítima da pandemia. Olhem só para o Viktor Orban já a governar por tempo indeterminado...

– Eu sempre disse que o único meio de combater a peste é com a decência, lembra o Albert Camus.

– Não podemos permitir que o vírus infete

a democracia. Havia já tanta coisa boa conquistada desde aquele dia inicial, inteiro e limpo, é a voz da Sofia de Mello Breyner.

– Tenhamos presente que este milénio tem sido marcado por inúmeras ameaças terroristas, por desgastantes batalhas climáticas, até pela ausência de Deus, faz notar Sto. Agostinho.

– Bem digo eu, fizeram mal em não seguir o modelo da minha Ilha.

– Ora a tua Ilha. Também não estava tudo bem a cem por cento. Em relação à religião, plenamente de acordo. E exilar os fanáticos não era má ideia. Mas não terás ido demasiado longe quando dizes que a propriedade privada e o dinheiro são incompatíveis com a felicidade? E então aquela de o sexo antes do casamento ser punido com o celibato a vida inteira... Isto para não falar do papel das mulheres: as pobres até eram obrigadas a confessar aos maridos os seus pecados uma vez por mês...

– Bem podias ter idealizado uma Ilha sem patriarcado, criticou a Simone de Beauvoir.

– Outros tempos, interrompe o Aldous Huxley, também não se falava ainda da clonagem.

– A grande questão que se põe de momento neste séc. XXI é: como irá esta gente sair disto. Na ciência, dá gosto ver a colaboração entre cientistas de diferentes nacionalidades. Já o mesmo não se pode dizer na política e na economia, onde cada um está a agir por sua conta e risco. A começar pelo representante da maior economia a nível mundial. Trump, aliás, tem vindo a sair das grandes organizações internacionais de uma forma egoísta e irresponsável (Unesco, Acordo de Paris, OMS) esquecendo-se que esses espaços vão sendo preenchidos pela China, reconhece o nosso Prémio Nobel Egas Moniz.

– Logo ela cuja ambição suprema é ser a maior potência mundial. Mas não é só a América do Norte a dar-se a distanciamentos. E que é feito da solidariedade europeia? Vai continuar a ser cada um por si? Os números do desemprego são assustadores, do PIB idem, das empresas que vão à falência. Será que se caminha para o fim da União Europeia?

– Não exageremos, não exageremos. Acho o vosso pessimismo masculino algo descabido, intervém Lurdes Pintassilgo. Estão a minimizar o papel de Ursula von der Leyen, a presidente da Comissão Europeia. Essa perspetiva que se vislumbra do fim da União Europeia é muito mais remota desde que ela tomou as medidas adequadas para combater a crise.

E continua, notando o ar cético do Mário Soares: Meu caro, que falta te faz um pouco do otimismo “irritante” do António Costa... Ou será que...

– ...não tens confiança nela por ser mulher? é a provocação da Beauvoir. Ai do mundo atual se não existissem em situações de controle uma Angela Merkel, uma Christine Lagarde e uma Ursula von der Leyen.

– É verdade. Até o Marcelo-presidente diz da von der Leyen: Temos mulher!

– Pois, mas ainda há quem lembre que saindo da EU existem vantagens, acrescenta alguém.

– É o que a Inglaterra já está a fazer.

– Essa já deu o 1º. passo com o Brexit.

– Pois deu. E a ver vamos se o futuro não lhe irá dar razão, atalha Winston Churchill.

– Os trabalhadores de todo o mundo têm que se unir. Só assim se consegue construir um mundo novo e justo, afirma Karl Marx.

– Eu creio no direito à solidariedade e no dever de ser solidário. Mas também creio que ainda nos falta muito para sermos verdadeiramente humanos, opina Saramago.

– Olhe que não, olhe que não, e é Mário Soares que intervém, veja o exemplo da gente solidária a começar pelo meu país que é Portugal e o da Nova Zelândia onde tanta gente se irmana numa causa comum. Bem sei que em muitos países a realidade é outra, com os governantes a reforçarem competências à sombra do vírus e a usarem-nas para consolidarem o seu poder. Mas a verdade, meu amigo, tem duas faces.

– Ora, a verdade raramente é pura e nunca é simples, sentencia Oscar Wilde.

E quem para o contradizer.

Ouviu-se então a voz da Madre Teresa de Calcutá:

– Meus amigos, neste momento em que a pandemia anda à solta a infetar quem bem lhe apetece, a ajuda que podemos transmitir à gente que ainda povoa o planeta só pode ser este conselho: A única forma de preservardes as vossas vidas tão ameaçadas, é que vos ameieis uns aos outros, sim, mas sem vos esquecerdes de ficar sempre longe uns dos outros.

(luisa7soares@gmail.com)



GERMAN
PORTUGUESE
FORUM | 2020



Fórum Luso-Alemão 2020 – Conferência digital

“How do we combine competitiveness and climate protection? A look at German-Portuguese companies and the implications for the EU Council Presidency”

10 novembro 2020, 8h30-11h30 (GMT)

Fórum

Os Ministérios dos Negócios Estrangeiros de Portugal e da Alemanha, em parceria com o INESC-TEC e a Adelphi, convidam todos os interessados a participar na edição 2020 do Fórum Luso-Alemão, que terá lugar no próximo dia **10 de novembro, entre as 8h30 e as 11h30 (GMT)**. O evento realizar-se-á sob o formato de conferência digital (em inglês), a partir de Berlim, podendo a audiência colocar questões aos oradores durante a transmissão em direto.

Tendo como pano de fundo o impacto económico da pandemia COVID-19 e os objetivos do Pacto Ecológico Europeu (“Green Deal”), esta edição do Fórum centrar-se-á no tema:

“How do we combine competitiveness and climate protection? A look at German-Portuguese companies and the implications for the EU Council Presidency”

Pretende-se identificar os desafios e o potencial da sustentabilidade empresarial como motor na gestão da atual crise. Os participantes partilharão experiências de Portugal e da Alemanha e desenvolverão possíveis linhas de ação. Os resultados das discussões contribuirão para influenciar a Presidência Alemã do Conselho da União Europeia em curso e a subsequente Presidência Portuguesa (primeiro semestre de 2021).

O Secretário de Estado Adjunto e da Energia, João Galamba, e o Ministro de Estado do Ministério Federal das Relações Externas da Alemanha, Neils Annen, participarão na sessão de abertura do Fórum, que terá início às 8h30 (GMT). Os painéis contarão com intervenções de personalidades do setor público, dos meios empresarial e académico e da sociedade civil.

O programa completo e informação adicional sobre os oradores estão também disponíveis em: <https://www.german-portuguese-forum.org/>.

A inscrição no evento deverá ser efetuada em: <https://www.german-portuguese-forum.org/registration>.



O programa que faz a diferença!

Todas as segundas-feiras, às 21h, e aos sábados, às 11h
com repetição todos os dias (ver programa no jornal LusoPresse).

■ noticiário ■ entrevistas ■ reportagens ■ debates ■ crónicas ■ desporto ■

Colaboradores:

■ Ludmila Aguiar
■ Joaquim Eusébio
■ Joyce Fuerza
■ Carlos de Jesus



■ Carlos de Jesus



Produtor e realizador
■ Norberto Aguiar

Ludmila Aguiar
Apresentadora

Joyce Fuerza
Apresentadora

Joaquim Eusébio
Apresentador



Informação

450.628-0125 - 514.835-7199 - jornal@lusopresse.com



Canal 47.1 (sinal aberto)



VIDEOTRON

Canal 238 ou 838 em alta definição



Fibe : Canal 208, 216 ou 1208, 1216 em alta definição
Satellite : Canal 232 ou 1034 em alta definição

Patrocínio do
Restaurante

Ferreira
café

Onde prima a alta
qualidade gastronómica!

1446, rue Peel – Montréal
Telefone: 514.848-0988
Fax: 514.848-9375
cferreira@ferreiracafe.com
www.ferreiracafe.com

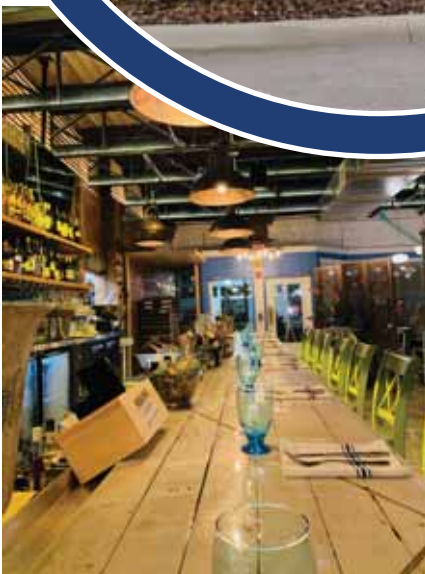


MESS HALL

MEDITERRANEAN KITCHEN & BAR

Se está de visita a esta região da Florida,
visite-nos. Falamos português.

Alexandre Gosselin, chef.



1592 Main St, Sarasota, Florida 34236 1 941-365-2234



A SAÚDE VERSUS COVID-19...

«PARA EFEITOS SUCESSÓRIOS, É ACONSELHÁVEL RECORRER A UM NOTÁRIO»

● Entrevista conduzida por Carlos DE JESUS

No seguimento das entrevistas que temos vindo a fazer com algumas das pessoas mais salientes da comunidade, esta semana o nosso convidado é Eduardo Dias, o mais antigo notário português da Comunidade Portuguesa do Quebec.

LusaQ TV/LusoPresse – O Eduardo Dias deve ser um dos portugueses mais bem informados sobre os portugueses de Montreal, considerando que há muitos anos trabalha na comunidade e que a sua presença, como notário, tem sido solicitada nos momentos mais importantes da vida de uma pessoa, como seja no caso de partilhas, heranças, testamentos, compra e venda de uma casa...

Eduardo Dias – Sim, já vai fazer 40 anos que eu pratico a minha profissão e penso conhecer quase toda a gente, não só como notário mas também devido à minha implicação como administrador da Caixa Portuguesa desde 1981.

Gosto do meu trabalho, embora por vezes já sinta o cansaço da idade. Já sou considerado uma pessoa idosa, visto que já tenho mais de 65 anos, mas principalmente devido à pandemia que estamos a viver. Eu estive a ver o que se passou no princípio do século XX com a gripe espanhola, que matou cerca de 50 milhões de pessoas no mundo inteiro. Aconselho as pessoas a fazerem o mesmo, consultarem a história da pandemia de 1918 que revela muito do que se está a passar agora com a Covid-19.

Nós fechámos o escritório no mês de março, para a maioria dos atos notariais, exceto para as escrituras imobiliárias que são consideradas como serviços essenciais, ao mesmo nível dos serviços bancários e serviços fiscais.

Durante este período, março, abril, maio, houve muitos falecimentos na comunidade portuguesa mas infelizmente eu não pude atender as pessoas para efeitos de testamentos ou mandatos de proteção durante esse período.

Agora, tenho muitos telefonemas, muitos pedidos de consultas, sobretudo da parte dos agentes imobiliários, porque a moda é comprar um chalet fora de Montreal.

Estamos a atravessar um período difícil

mas as pessoas deviam ter em consideração que esta pandemia ainda vai durar bastante tempo, até 2023, segundo alguns especialistas. Muitas pessoas já morreram, principalmente nos lares de idosos, não só aqui no Quebec, nas outras províncias e na América também.

Por isso aconselho os nossos conterrâneos a consultarem os notários sobre os direitos sucessórios, mesmo os que estão de boa saúde, porque de um dia para o outro podem ser apanhados pelo vírus e ficarem com sequelas para o resto da vida.

Se há uma mensagem a transmitir às pessoas da nossa comunidade será a de que se devem proteger e preparar o futuro, porque se hoje estamos bem, amanhã não sabemos o que se vai passar com a nossa saúde.

LP/LQTV – Em relação ao certificado de proteção, que em Portugal se diz Certificado de Acompanhamento, que serve para proteger as pessoas em fim de vida, esse certificado tem de ser feito em pessoa no escritório do notário ou pode ser feito virtualmente pela internet?

Eduardo Dias – A Chambre des Notaires permite fazer as consultas à distância, assim como os médicos estão a fazer com alguns pacientes. No entanto, para a assinatura dos atos notariais, até agora a lei ainda não permite um processo de autenticação eletrónico e, por conseguinte, tem de ser feita em pessoa, no escritório do notário. As leis estão a mudar e a câmara dos notários tem estado a trabalhar nesse sentido. Mas para uma simples consulta já é possível fazer-se pelo telefone ou por outro meio eletrónico.

No entanto, nada substitui o contacto direto com a pessoa, para podemos avaliar a sua situação, pessoal, familiar, financeira, e assim poderemos ficar com uma imagem global da situação e poderemos dar os conselhos em função da situação particular de cada um. Há quem viva aqui sozinho, outros têm famílias em Portugal, na França, cada situação é diferente. Daí poderemos avaliar o contexto em que as pessoas se encontram é muito importante.

Nota – Esta entrevista foi editada e resumida para efeitos de clareza e de espaço. Podem vê-la na íntegra, na página Facebook da LusaQ TV.

CERIMÓNIA EM MEMÓRIA DOS DEFUNTOS

Sendo impossível promover o nosso habitual encontro anual, gostaríamos de vos convidar para um momento de reflexão e reconforto, com poesia, espiritualidade e música, isto de forma virtual.

Em direto

**SEGUNDA-FEIRA,
DIA 30 DE NOVEMBRO,
ÀS 21H00,**

na LusaQ TV
(em redifusão no decorrer de toda a semana).

e

**TERÇA-FEIRA,
1 DE DEZEMBRO,
ÀS 22H00,**

no Montreal Magazine
(em redifusão no Montreal TV Magazine).

Alfred Dallaire | MEMÓRIA

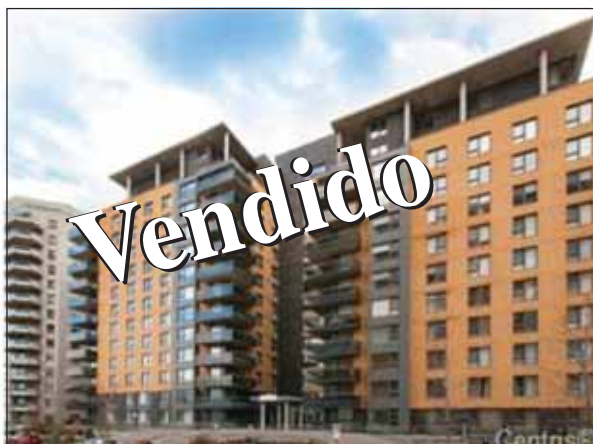
Cada vida é uma históriaTM

RE/MAX®

Manuel Esteves
Courtier, immobilier, agréé.

Tel.: (514) 928-5221
(514) 354-6240

7130, Beaubien Est,
Anjou - (Qc) H1M 1B2



Saint-Léonard - Grande apartamento, com dois estacionamentos, dois «lockers», elevadores, sala de treinos, com despesas do condomínio baixas.



Plateau - Sextuplex 6x4 1/2, bem localizado, a 100 metros do Metro. Rendimento anual: 71 100\$.



Longueuil - Duplex 2x5 1/2, com estacionamento exterior. Preço : 389 000\$.



Plateau - 6plex no centro da Comunidade Portuguesa. Está muito bem localizado. Bom preço, com ótimo rendimento!



Plateau - Bonito apartamento, com garagem, perto de transportes, escolas e outros serviços.



Plateau - Magnífico 5plex, com fachada em pedra e bem localizado. Bom preço.



Montreal (Mercier) - 5plex impecável, com garagem, cave acabada, estacionamento exterior para um veículo. Bom rendimento.



Laval (Chomedey) - Magnífico «Cottage», muito bem localizado. Bom preço.



Plateau - Bonito duplex, bem situado, no Mille End. Tem estacionamento.



Plateau - Duplex 2x5 1/2, com cave e estacionamento. Bom preço.



Nouveau-Rosemont - Duplex impecável, bem localizado, perto de transportes, escolas e outros serviços.



Longueuil - Duplex 2x5 1/2, com estacionamento exterior. Preço : 389 000\$.



Plateau - Triplex completamente renovado, 1x5 1/2, 2x4 1/2 no coração do Plateau, com transportes a 100 metros. Bom preço.



Montreal-Nord - Magnífico 4plex. Está impecável. Tem cave acabada, garagem e estacionamento exterior. Marque um apontamento.



Rosemont - Petite-Patrie - Condomínio no segundo piso de um duplex, com estacionamento.



8876-8882, St-Leonard - Magnífico quintuplex, com lareira, garagem, semi-destacado e grande terreno. Bom investimento.



Plateau - Triplex 3x7 1/2, grandes apartamentos, com estacionamento. Está bem localizado.



Nouveau Rosemont - Magnífico triplex + bachelor, quatro quartos, dupla garagem, subsolo com uma grande sala familiar, com lareira, quarto frio, muito terreno, perto de tudo, transportes e escolas.



AUGUSTO FERNANDES
Courtier immobilier
Cell.: (514) 992-6938
expertimmobilier1@gmail.com



2500, rue Jarry est, Montréal.



Bonito bungalow em Sainte-Rose.



Triplex no 7351, rue Iberville.

**Avaliação gratuita da sua casa,
serviço honesto e sem pressão!**



Quadruplex no 7248, 6.^a Avenida, perto do metro Iberville. Preço a discutir: 679 000\$.



Magnífica casa em Val-des-Brises, em Laval.



Quadruplex na rue Louis-Veuillot, no Novo Rosemont.



A Equipa
Olívia Paiva
(514) 707-8877
www.oliviapaiva.com



Ste-Hélène-de-Magot - «Cottage»
destacada, c/quatro quartos, cave, e garagem independente. Tem terreno de 9 697 pés quadrados. Preço para venda rápida.



NOVO NO MERCADO
ST-MICHEL, 9^a. AVE. - Triplex 1x5 1/2, 2x 3 1/2, cave acabada, cozinha e casa de banho. Possibilidade de «bachelor». Preço: **529.000\$**



Terrain
Lot
NOVO NO MERCADO
ST-JULIEN, CHEMIN DES AMIS - Terreno residencial 160x207 pés quadrados, pronto a construir, à venda. Preço: 32 900\$. Excelente negócio!



BUNGALOW - Em St-Michel, 10^{ème} avenue -Montreal



ARLINDO VELOSA



Agente imobiliário «agréé»

HONESTIDADE • EFICIÊNCIA • SERVIÇO ASSEGURADO

7170, boul. Saint-Laurent

ESC. : 755-5505
TELEM.: 770-6200

*Para vender ou avaliar
a sua propriedade, chame-me!*

Steve Velosa



Mercier 2270-2272, St-Donat - Magnífico duplex, com renovações várias, apartamentos modernos, terraço, subsolo acabado, perto de todos os serviços e da Promenade Bellevue. Preço: 479 000\$



Rosemont 6512-6514, Rua Clark, na Pequena Itália - Magnífico duplex em sector muito procurado, com sala de banho renovada no rés-do-chão, grande espaço asfaltado para 4 estacionamentos. Possibilidade de ocupação dupla ou de transformação em casa unifamiliar.



Plateau 4063-4065, De Bullion. Fachada em pedra, 3 quartos de dormir, subsolo de mais de 6 pés, a dois passos do centro da cidade, perto de todos os serviços. Possibilidade de o transformar em casa unifamiliar. O sector é calmo. Preço: 758 000\$.



Plateau 4309-4313, Rua St-Urbain - Grande triplex, nos três pisos, 2.^o e 3.^o pisos completamente renovados. Novas janelas. Fundação sobre rocha. Perto do centro da cidade. Muito bem cuidado no decorrer dos anos.



Villeray 2610-2612, Rua Jean-Talon Est - Edifício semi-comercial, com escritório de contabilidade no 2.^o piso, «bachelor» no subsolo, garagem e muito bem cuidado. Perto de todos os serviços e a 200 metros do Metro Iberville. Preço: 429 000\$.



Villeray 7763-7769, Rua St-Denis, Grande quadruplex, perto do Metro Jarry. Em três pisos, dois 4 1/2 e dois 5 1/2 todos os balcones foram reparados em 2014; mais portas, janelas e teto foram reparados recentemente.



Villeray 8444-8448, Rua Drolet - SOBERBO TRIPLEX, com 30 PÉS DE FACHADA. Tem 4 quartos de dormir no rés-do-chão, subsolo de mais de 6 pés, com sala familiar e estacionamento nas traseiras.



Sector procurado - Grande quadruplex. Balcão traseiro renovado em fibra de vidro, juntas de tijolos renovadas. Perto de todos os serviços, metro (Crémazie), escolas, Parque Jarry, etc. Boa qualidade/preço.

PEDRO ALMEIDA MAIA, ILHA-AMÉRICA – UM SONHO COM ASAS ENTALADO EM RODAS

Por Onésimo TEOTÓNIO ALMEIDA

Li Ilha-América de um fôlego. Tempos depois, voltei ao livro para refrescar pormenores.



Neste apontamento, irei explicar em estilo solto as razões do meu entusiasmo.

Começarei pelo estilo da prosa. Disse-o já algures, não me lembro onde, porque me vi citado na imprensa e por isso me autoplagio: uma escrita “ágil, incisiva e vivaz”. Saltaram-me esses três adjectivos e mantê-lo atraído pela agilidade e vivacidade da prosa narrativa. É que essa prosa está ali de serviço, a embrulhar uma história que – neste caso específico – seria inverosímil se não fosse baseada num acontecimento real de que, aliás, eu próprio me recordo bem pois ocorreu nos meus tempos de adolescente. A história é de facto inimaginável. Mas pode ser imaginável além de verídica, como já o tinha sido a da fuga de dois homens num pequeno barco de S. Miguel para a América, que Manuel Ferreira imortalizou no seu longo conto “O Barco e o Sonho”. Se fosse ficção pura e simples, ninguém acreditaria. No entanto, Manuel Ferreira investigou-lhe os pormenores e contou-a com a garra de quem sabe que uma boa narrativa vive dos detalhes significativos, e que o segredo é elidir o secundário ou somenos, tudo o que distraia a atenção do núcleo duro da corrente que capta e aprisiona a atenção do leitor.

Pedro Almeida Maia repetiu a proeza de Manuel Ferreira, agora naturalmente numa linguagem inteiramente moderna. Não apenas por se tratar neste caso de uma viagem de avião, em vez de num barquinho construído num quintal. O autor investigou a sério tudo quanto estava ao seu alcance e só não conseguiu ouvir o real actor da façanha por razões que ninguém entende; nem esse herói, hoje retirado em Fall River num autoimposto silêncio, parece disposto a revelar. Daí que Almeida Maia se tenha agarrado a tudo o mais que lhe permitisse enquadrar e encenar o portentoso feito – desde a vida em Santa Maria onde a seguir à Segunda Grande Guerra uma *Little America* havia emergido quase do nada, como a ilha Sabrina alguns séculos antes, até Cara-

cas, onde ele mesmo nunca esteve, mas obviamente investigou com minúcia, tentando captar a atmosfera dessa cidade na altura da impen-sável loucura do jovem micalense evadido de Santa Maria.

O resultado desse aturado trabalho de pesquisa está aí numa narrativa que se sustenta de prosa em ritmo *vivaz*, é certo, mas assente numa miríade de pormenores que soam reais, autênticos. Nanja que isso seja obrigatório, visto a ficção não estar obrigada a regras nenhuma que a prendam à verdade dos factos; no entanto, o autor autopropôs-se a recriação imaginada tanto quanto possível, não longe do que poderá ter acontecido; daí que o mergulho nos pormenores tenha sido crucial para a reconstituição da empolgante narrativa.

Obviamente que Almeida Maia deu folga à imaginação, pois o seu papel não é o de historiador, mas o de romancista. O truque – ou o jeito – está em usar a criatividade alimentada por aturado trabalho de pesquisa, de modo a tentar reconstituir um cenário verosímil, não necessariamente verídico, sobretudo porque a personagem que o provocou e viveu se votou a um sepulcral silêncio sobre essa sua fascinante loucura juvenil.

Soam igualmente a autênticas as descrições da *Little America* criada em torno do Aeroporto de Santa Maria, a tal “América emprestada aos ilhéus”, como Pedro Almeida Maia de modo tão feliz sintetiza, “a América dentro da ilha”, já que o resto de Santa Maria continuava ela própria como eu ainda vi, quando em 1956 ali aterrei em trânsito, na companhia do meu tio, e acabei passando três dias em Santo Espírito. A Santa Maria americana ficava no outro extremo da ilha e dela apenas obtive um cheirinho. Hoje dificilmente – se calhar impossível mesmo – as gerações pós-anos 50 e 60 serão capazes de imaginar os ares frescos que dimanavam de Santa Maria. Vinham sobretudo nas ondas sonoras da estação emissora do Clube Asas do Atlântico. S. Miguel estava confinada à sorumbática Emissora Regional dos Açores que, a partir da Avenida Gaspar Frutuoso, abria impávida e solenemente todos os dias às 18h com a voz de barítono que, alguns anos mais tarde, eu soube pertencer a Sílvio do Couto, por na minha adolescência nos termos encontrado regularmente na redacção do jornal *Açores*, hoje *Açoriano Oriental*, onde eu colaborava e ele era redactor: *Aqui Portugal, Ponta Delgada. A Emissora Regional dos Açores da Emissora Nacional, transmitindo em sessenta e dois metros, na frequência de quatro*

mil trezentos e oitenta e cinco quilociclos por segundo, o período de emissão destinado aos ouvintes do Continente (não sei porquê, mas é isto que ainda retenho no ouvido dos meus tempos da escola primária). E logo de seguida: *Aos nossos ouvintes desejamos uma muito boa noite e uma ótima recepção do programa que inclui as seguintes rubricas às horas que passamos a indicar, hora dos Açores: Dentro de momentos, “Chegaram novos discos”. 18:30 “Boletim Informativo”; 19:45 “Música escolhida” e, às 19 horas, como habitualmente, encerramento da estação.* Bing-Beng! - ouvia-se como se de um xilofone e, de imediato: “*Chegaram novos discos*”, que afinal eram (como a música da Relva) sempre o mesmo e mais forte. Depois, às 19:15h, voltava a abrir a estação, encerrando pelas 22 horas com o hino nacional, sem nunca ser explicado o porquê daqueles misteriosos 15 minutos de interrupção. E foi assim todos os dias, metódica e beneditinamente durante décadas.

A estação que as pessoas ouviam com interesse, porém, era mesmo o Asas do Atlântico. As novidades, o progresso, o mundo de lá de fora chegavam-nos através de Santa Maria. Por sinal, não me recordo nunca de alguma vez ter ouvido a mais leve queixa ou crítica dos micalenses. Era um dado adquirido que entrara no consenso do quotidiano. Não havia televisão e a rádio era rainha do espaço público. O Rádio Clube de Angra servia a Terceira e, com dificuldade, S. Jorge, a Graciosa e o Pico, com o Faial a queixar-se de fraca recepção. As Flores e o Corvo ficavam a ver navios. Em S. Miguel, a capital radiofónica era Santa Maria. Melhor dito, o Aeroporto. (Aqui abro um parênteses para contar de um dia um emigrante aqui nos EUA me ter dito ao apresentar-se: *Eu pertenço à elite do aeroporto*. Mas isso é outra história que apenas por tabela entra aqui.)

Tão longe estavam da minha memória esses tempos do imaginário mariense em S. Miguel, e tão perto se me impuseram de repente ao longo da leitura destas belas páginas de Pedro Almeida Maia. A “Ilha-América”, ali ao sul, que só se via em dias ditos de prenúncio de chuva, tornara-se afinal uma presença diária constante na vida micalense.

Em S. Miguel, “sentia-se as ideias encolherem-se na tristeza”, como lapidarmente expressou o autor desta narrativa com direito a ser apodada de romance.

Eu ia chamar a estas minhas notas “O avião e o sonho”, numa espécie de homenagem a Manuel Ferreira, mas cedo me apercebi de que o título já tinha dono, creio que o jornalista

Pedro Barros Costa. Assim, ficam estas linhas sem um título de jeito, pois não consigo um bom substituto.

Quando entrevistei Victor Caetano, um dos protagonistas da aventura que inspirou a epopeia “O Barco e o Sonho” – e filo por duas vezes para programas diferentes, um deles para uma série que manteve há quase 20 anos na RTP-Açores – ele fez questão de me declarar em tom peremptório: *Não gostei do conto do senhor Manuel Ferreira! As coisas não se passaram como ele escreveu*. E procedeu, de ambas as vezes, narrando-me em extraordinário pormenor todos os detalhes da viagem a ponto de uma entrevista de meia-hora para a RTP-Açores ter de desdobrar-se em dois programas. Mas, afinal, as divergências eram de facto secundárias. Todavia para ele, que tinha vivido tudo intensamente, cada pormenor era sagrado.

Pressinto estarmos aqui em presença de um fenómeno idêntico, com a diferença de, neste caso, o protagonista se recusar a pronunciar-se. O que ele poderia – e eu deveras gostaria de saber – era revelar o que sentiu, o que o dominou e lhe assolou a mente naquelas intermináveis horas de voo, comprimido pela roda de um avião no exíguo trem de aterragem, ao relento e com o imenso e medonho mar a seus pés em pano de fundo. Não podendo ter acesso ao privilégio dessa informação autêntica, resta-me a criativa imaginação de Pedro Almeida Maia, que sabiamente foi distribuindo pormenores dessa inaudita experiência ao longo da sua narrativa, em vez de a despachar de uma vez por todas na descrição da viagem entre Santa Maria e Caracas. O leitor vai por etapas regressando a ela nos interrogatórios, nas entrevistas, nas notícias dos jornais, penetrando pouco a pouco no mistério que foi, e permanece sendo, a cabeça do herói, aquele jovem Mané. Quem doseia assim os pormenores de uma história manuseia bem a arte de contar. E é esta impressão que eu gostaria de deixar aqui devidamente registada.

Tudo isto junto constitui um poderoso pacote de razões para recomendar vivamente a leitura deste livro e para saudar o seu autor, Pedro Almeida Maia, como uma respeitável voz da nova literatura destas ilhas. Afinal, o mundo das letras continua a ter asas para voar, e não deixam de surgir novos ases no Atlântico.



GENTES DE CASTRO DAIRE PARA LISBOA MEMÓRIAS DA EMIGRAÇÃO

Por Daniel BASTOS

No final do passado mês de outubro, o município de Castro Daire, através da Biblioteca Municipal, a Binaural Nodar e a Casa do Concelho de Castro Daire em Lisboa, organizaram o evento “Da serra para a fábrica”, uma iniciativa integrada no projeto Europa Criativa “Onde a cidade perde o seu nome” que incluiu

como parceiros principais a La Fundició (Catalunha, Espanha), a Binaural Nodar (Viseu Dão Lafões, Portugal) e a Fundatia AltArt (Cluj-Napoca, Roménia).

A atividade, composta por uma performance/tertúlia audiovisual e participativa, assim como partilha de receitas gastronómicas e uma exposição retrospectiva, de objetos, fotografias, paisagens sonoras e registos audiovisuais, foi o culminar de mais de três anos de trabalho dedicado ao resgate e difusão de memórias de milhares de pessoas originárias do concelho de Castro Daire. Uma localidade situada na região Centro, distrito de Viseu, que ao longo do século XX assistiu à debandada de muitos filhos da terra para a zona oriental de

Lisboa, onde hoje se situa a freguesia de Marvila, para trabalharem em fábricas, armazéns, na estiva, em pequenas mercearias e em tantos outros mesteres.

Comummente conhecido como um país de emigrantes espalhados pelos quatro cantos do mundo, o original projeto castrense ilumina uma profícua área de investigação que tem ainda muito caminho por desbravar. Designadamente os fluxos de população dentro de Portugal, igualmente impelidos pela procura de melhores condições de vida, e também originadores de inúmeras transformações socioculturais e económicas no território nacional.

No caso concreto da emigração de gentes de Castro Daire para Lisboa, como revelam os

responsáveis pelo singular projeto de preservação da identidade cultural local, muitas destas famílias que abalaram para a zona oriental da capital portuguesa, inicialmente viveram quase todas em bairros informais, autênticas aldeias beirãs na cidade e posteriormente rumaram para apartamentos, ou por via da sua associação a cooperativas de habitação como a do bairro da PRODAC, ou porque simplesmente conseguiram amealhar o suficiente para comprar uma casa mais condigna. Décadas depois, muitos ficaram, outros regressaram à terra, acabando quase todos por formar uma condição intermédia: a de castrense alfacinha.



O QUE DIZEM OS TEUS PÉS?

● Por Aida BATISTA

É mais que uma ilha – é uma estátua erguida até ao céu e moldada pelo fogo –, é outro Adamastor como o do cabo das Tormentas.

Raul Brandão, *As Ilhas Desconhecidas*

Maria é o meu primeiro nome, embora ninguém me conheça assim, mas por Aida, que é o meu segundo nome. Na minha geração, e não sei se por exacerbado fervor ao culto mariano, os nomes das meninas eram quase todos precedidos de Maria, funcionando este como um prefixo onomástico. Esta prática estava de tal modo enraizada que, ainda hoje, quando estão a organizar qualquer lista onde conste o meu nome, é comum perguntarem-me: “És só Aida, ou também tens Maria?”



Habituei-me, assim, ao longo de toda a minha vida, a identificar-me e a apresentar-me como Aida, exceção para determinadas situações, como é o caso dos bilhetes de avião, de barco e situações similares, em que o primeiro nome é o que deve oficialmente constar.

Foi o que aconteceu em agosto último quando tive de, por telefone, contactar com um guia picaroto, já que, num processo de conversão da família à beleza das ilhas açorianas, havia decidido subir o Pico na companhia da filha, filho, nora e dois netos adolescentes. Ao iniciar a conversa, e porque não nos conhecíamos, apresentei-me e identifiquei-me como Aida Batista. Após esclarecimentos sobre preços, horários e diferentes modalidades da subida, acertei com ele o turno da madrugada para podermos assistir ao romper do sol. Foi-me pedido, para efeitos de inscrição, o envio por sms do primeiro e último nome dos participantes, bem como a data de nascimento. “E mande-me para este telemóvel, que eu só tenho a quarta classe, não uso computador e não percebo nada dessas modernices!” – acrescentou.

Assim fiz: primeiro e último nome, Aida Batista; data de nascimento – 18/12/48.

Nesse mesmo dia à noite, recebo uma chamada. Era o Senhor Manel a questionar-me sobre a idade de uma das participantes, fazendo-o de forma muito subtil, sem aludir aos anos, mas referindo a data de nascimento. Num inconfundível e repreensivo vocativo ilhéu, atirou:

- Menina Aida (foi assim que passou a tratar-me), na lista que me mandou, está aqui uma senhora de 48...

- Sim, sou eu! – atalhei, adivinhando-lhe a surpresa.

- Então, mas a senhora não se chama Aida?

- Sim, chamo-me, mas antes tenho Maria. Como o senhor pediu o primeiro nome, eu mandei Maria.

Segundos de silêncio não ajudaram a disfarçar a dúvida que ele tinha sobre a minha capacidade de chegar lá cima. Atrevida, interroguei-o sem rodeios, entrando diretamente no assunto.

- Acha que não vou ser capaz de subir o Pico, é isso?

Novamente silêncio, o necessário para po-

der encontrar as palavras certas a fim de não me desanimar. Tentei tranquilizá-lo, enfatizando, do alto do meu convencimento, as minhas longas caminhadas diárias e uma ida recente a Fátima a pé. E ele ia explicando que não era a mesma coisa, invocando o argumento da altitude. Ou ele não conseguiu ser suficientemente dissuasivo ou a minha vontade de desafiar a montanha era mais forte do que a dúvida de não conseguir. Eu estava determinada e nada me conseguia demover.

Assim que nos aproximamos da Ilha, e ainda da janela do avião, ele ali estava, imponente, à nossa espera, orgulhoso por dominar um espaço que ganhou o seu nome - Pico. Todas as ilhas dos Açores são designadas por uma cor, e a esta coube o cinza, o tom que melhor traduz a nudez da vegetação e o domínio das rochas vulcânicas. A montanha nem sempre se mostra por inteiro, obrigando-nos a um jogo de escondidas alimentado pelas nuvens que, ora encobrindo o seio, ora a cintura, nos convidam à procura dos melhores ângulos. Quando a fixamos limpa e luminosa, surge provocadora, desafiando-nos como um touro frente ao forçado. E apetece dizer: “Eh Pico lindo...” e atirarmo-nos a ele a medir forças, sabendo de antemão que não temos ninguém atrás para ajudar a amortecer o embate da subida, nem um rabejador que segure o risco de uma queda.

Nas fotografias que havia visto, aqui e ali, tapetes de castanhos e verdes mascaravam a aridez da lava de que a montanha é feita. Dai a ilusão, expressa em monólogos interiores, de que seria fácil subi-la. Aconteceu desde a primeira hora. Olhava-a e interrogava-me, interrogava-me e olhava-a, num diálogo de incertezas a que sempre respondi que sim.

No dia e hora combinados, lá estávamos às duas da manhã na casa da montanha, preparados para a subida. Além dos bastões, recebemos os frontais que, na noite cerrada, nos iluminariam o caminho. O guia seguia à frente, com passos leves de bailarina, que conhece bem o palco de breu por onde se move. E nós, em fila indiana, íamos colocando os bastões nos mesmos lugares onde ele fixava os seus - como se estivéssemos a ligar os pontos negros de um trajeto desenhado numa folha de papel -, pisando as mesmas pedras, ganhando o mesmo impulso, numa tentativa de lhe seguir a cadência da passada.

Chegados à Furna Abrigo, disse-nos sem cerimónia: “Bem, eu não vos quero desiludir, mas este percurso é para ser feito em 20 minutos e nós já levamos mais de meia hora”. Bela tirada para nos animar! Mas pior ainda, foi ter-se virado para mim e, meio a sério meio a brincar, vaticinar: “Acho que a menina Aida não chega ao Piquinho”. Ele não sabia com quem se estava a meter - com alguém que o pior que lhe podem fazer é duvidar da sua capacidade de concluir uma tarefa! Essa é, seguramente, a maior motivação que me podem dar.

Reduzidos a seis pontos luminosos (sete com o guia), continuámos a caminhada, tateando com os pés a irregularidade das pedras de lava, que nos devolvia a única leitura possível

do caminho - muito agreste e sempre a subir. Como companhia, a escuridão da noite que nada deixava ver à volta. Uma vez por outra, a voz do guia a interromper o som da nossa respiração ofegante: Encostem-se à esquerda! Cuidado com as pedras soltas! Não olhem para o lado!

Os casacos à cintura (que fomos obrigados a despir) eram as testemunhas do esforço que a íngreme inclinação exigia. De vez em quando, uma leve pausa para retemperar forças. Aconselharam-me a comer qualquer coisa. Tentei uma dentada na barrita de cereais, mas nem chego a acabá-la. A vontade de prosseguir é mais forte.

A dois terços do percurso, aquilo que não desejávamos aconteceu: uma inesperada chuva miudinha começou silenciosamente a molhar-nos o corpo. As roupas ensopadas, o nevoeiro húmido e a lava escorregadia quase fizeram esmorecer o entusiasmo, pois já não teríamos a visão do romper do sol como previsto. Vestimos novamente os casacos, assertoados numa vontade de vencer diretamente proporcional ao frio que sentíamos. O guia comentava que fora imprevisível, mas que às vezes acontecia. E nós, por azar, fizemos parte daquele “às vezes” com que a montanha troca as voltas a quem a desafia.

Finalmente, chegamos à cratera, momento de largar mochilas e bastões que ficam à nossa espera, para o reencontro da descida. Seguem-se os escassos metros que faltam até ao Piquinho. E eu, que tantas vezes o imaginara a erguer-se do ventre da montanha, vejo-me agora privada da imagem daquela que foi a última erupção. Espera-me uma escalada pura e dura e, se até ali já me socorrera de ajudas pontuais, dali em diante seria o meu neto a valer-me. À minha frente, vai-me dando a mão para, com um

impulso forte, me ajudar a subir. Partes há em que, literalmente, vou de gatas, agarrada às rochas, usando os joelhos como alavanca e arrastando-me por cima delas. Acuso cansaço, o ritmo cardíaco acelera e peço uma pausa para recuperar o fôlego.

Por fim, a apoteose – o marco final, o Piquinho. De braços abertos, abracei o guia numa gratidão silenciosa de quem lhe provara ter conseguido. O corpo gelado agradece os vapores quentes que se soltam das brechas de lava, como um prémio de consolação. E agora a foto de família para memória futura, para dizer à montanha: “Eu estive aqui”, apesar de o ob-

jetivo principal – ver o nascer do sol – não ter sido concretizado.

E começa a descida, que todos haviam avisado ser pior que a subida. À medida que avançávamos no tempo, as nuvens iam-nos oferecendo nesgas de horizonte com paisagem ao fundo – S. Jorge e Faial a despertarem para um novo dia. A meio do percurso apareceu o sol envergonhado, num cumprimento tardio de quem vencera a batalha de romper as nuvens. E o cansaço a vencer-me, e as pernas a acusarem as muitas horas seguidas de caminhada sem interrupção, numa marcha quase automática de quem sabe que, se parar, é pior. O guia vai-me encorajando, alimentando-me a esperança de que o fim estava próximo. Ele, que hoje faz deste trabalho uma forma de subsistência, conta-nos como em criança clandestinamente fugia para a montanha, e lhe descobrira os caminhos e o gosto pela aventura.

Voltámos a passar a Furna Abrigo, aquela que antes servira de marco ao nosso desempenho, e agora, sim, tive a certeza de que já faltava pouco para chegarmos ao ponto de partida - a casa da montanha. O que é meia hora, depois de tanto esforço? Quando me perguntarem se é mais difícil a descida, direi que sim, mas não pelas razões que me apresentaram, porque o corpo já leva muitas horas de exercício e a exaustão acumulada acentua o cansaço.

Recebi o diploma, olho para ele e fico desiludida. Foi a Maria Batista quem subiu o Pico! A Aida ficou escondida no anonimato do segundo nome. Já no carro, de regresso ao conforto da casa, lembrei-me de um locutor da televisão que termina as entrevistas com a pergunta: “O que dizem os teus olhos?”. E apeteceu-me perguntar: “Aida, o que dizem os teus pés?”

Eles dizem-me que a prova foi penosa, mas que, a partir de agora, poderei proclamar que, apesar da idade, subi a pulso e passo esta estátua erguida do fogo, vergada ao deslumbramento com que me seduziu desde o primeiro encontro.

LP

Vítor Carvalho ADVOGADO

Escritório

Telef. e Fax. 244403805

2480, Alqueidão da Serra - PORTO DE MÓS
Leiria - Estremadura (Portugal)

CENTRO DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA

CÂMARA MUNICIPAL DA MADEIRA

ANO LECTIVO
2020/2021

MÚSICA

Fúlia Transversal, Flauta de Borel, Bateria,
Trompete, Viola da Terra, Trombone, Violino,
Trompa, Cello, Saxofone, Gaitaria, Piano, Guitarna,
Bateria, Órgão, Clarinete, Bombardino e Percussão

DANÇA

Ginástica Rítmica, Hip-Hop, Ballet e Dança Contemporânea

ARTES PLÁSTICAS

Artes Plásticas e Escultura

As inscrições deverão ser realizadas
por **e-mail** ou **presencialmente**.

centroformacaoartistica@cm-madeira.pt

Inscrições no CFA

de 2ª a 6ª feira
das 08h30 às 12h30
das 13h30 às 16h30

Para mais informações:
tlm. 910 021 691

INSCRIÇÕES ABERTAS

CHÁ DA CESTA – 20, BRASIL II

As fontes aduzidas parecem bastante claras e convincentes. Outra fonte consultada foi a *Memória para servir a História do reino do Brasil*, de Luiz Gonçalves dos Santos, mais conhecido por Padre Perereca. Perereca começa a sua narrativa no ano de 1808 terminando-a em 1821 e só a publicando, em 1825. As datas são importantes para perceber um possível preconceito de um ex-colono, perante a antiga potência colonizadora. Em 1825, o Brasil era já independente, mas a situação ainda estava longe de estar consolidada. Perereca, referindo o ano de 1809, afirma que o chá brasileiro resultou de um roubo Português do chá Francês das Ilhas.¹

Sensivelmente contemporâneo do Padre Perereca, temos o olhar de um estrangeiro. James Henderson, um historiador britânico, publica em Agosto de 1821, fruto de pesquisas efetuadas no Brasil, o seu testemunho sobre o chá neste território. Note-se que na altura nada havia de chá britânico na Índia.² Mais à frente, o mesmo historiador fala do chamate. Poder-se-á perceber por aí alguma hesitação na adoção do chá da *camellia sinensis*? Eis a sua descrição: “(p.139) (...) This plant is taken almost like tea, and the use of this beverage has prevailed from time immemorial amongst the Indians of the northern part of this province (Paraná).”³

Nem todos os brasileiros reconheceram o êxito do chá, a julgar pelo jornal *O Conciliador do Maranhão*, de 1 de Julho de 1822. Note-se que a data é próxima da separação do Brasil do Reino, o que talvez explique o tom panfletário contra a Metrópole.⁴



[Pintura de Rugendas (1822-1825)]

Fonte: <http://jbrj.gov.br/jardim/historia>

Houve, de facto, um entusiasmo inicial, para depois, ceder o lugar à estagnação? É o que parece. Para apurar o que sucedeu ao chá no Brasil após o seu relativo êxito inicial, sigamos as entradas no *Diário de uma Viagem ao Brasil* da inglesa Mary Graham, de 21 de Dezembro de 1821 e 24 de Agosto de 1823.⁵ Em 1821, Mary Graham, em relação ao Jardim Botânico, descreve-nos: “(...) Este Jardim foi destinado pelo Rei para cultivo de especiarias e frutos orientais e, acima de tudo, para o chá, que ele mandou vir da China juntamente com algumas famílias costumadas à sua cultura (...)”⁶ Em 1823, na entrada do dia 24 de Agosto, a mesma diarista, sobre a Fazenda de Santa Cruz, comenta:

“(...) Fui às plantações de chá, que ocupam muitos acres de um morro cheio de pedras, tal como suponho que seja o habitat da planta na China. (...) O chá produzido aqui e no Jardim Botânico é tido como de qualidade superior. Mas a quantidade é tão pequena que até agora não há a mais leve promessa de pagar

a despesa com a cultura. Contudo estão as plantas tão viçosas que não tenho dúvida de que em breve se espalharão e provavelmente ficarão como nativas.”⁷

Sigamos, igualmente, Frei Leandro do Sacramento que, segundo o próprio, tomou posse da direção do Jardim Botânico da Lagoa do Rodrigo de Freitas, em Março de 1824.⁸ Frei Leandro afirma que encontrara no Jardim

“(...) uma plantação de chá considerável em três maciços muito desiguais em extensão; o menor destes três maciços se achava em um estado de cultura sofrível, os outros dois existiam em estado de completo abandono, já quase sufocados pelas plantas silvestres, em que muitos lugares mal deixavam ver as plantas do chá (...)”⁹

Portanto, pouco menos de uma década decorrida sobre a experiência, a situação era de puro abandono. Daí que se perceba que a primeira preocupação tivesse sido a recuperação daquela plantação.¹⁰ Frei Leandro pretendia, para tal, publicar uma Memória sobre o cultivo da planta e manipulação das folhas, convencido que estava de que a falta de conhecimentos era a causa principal do mau estado da plantação e da não expansão da cultura, apesar de decorridos bastantes anos desde a sua entrada no Brasil.¹¹ Não se dominava por completo a tecnologia:

“já se tinham preparado as folhas do chá, porém ignorava-se quase absolutamente o processo, cujo conhecimento se limitava ao último, restante dos chinas, que tinham vindo para o Brasil, e talvez a poucas pessoas mais.” (Sacramento, 1825: Introdução) E justificava a publicação do seu trabalho: “o China de facto não era capaz de publicar as ideias, que sabia executar na prática, e nenhuma outra pessoa, das que estariam nas circunstâncias de ter escrito sobre isto, o tinha feito.”¹² Para o conseguir, era preciso saber fazer chá, “o que somente se adquire pela observação e experiências repetidas (...)”

Indo ao encontro dos designios do Imperador do Brasil, cumpria as ordens que dele recebera em Janeiro de 1825, juntamente com a portaria imperial de 7 do mesmo mês, segundo as quais:

“Sua Majestade Imperial me manda que haja eu de fazer aprontar coleções de sementes de chá, cravo, etc. para serem remetidas para as diferentes províncias do Império, devendo aquelas coleções ser acompanhadas de uma memória que eu deveria escrever sobre a cultura e fabrico delas (...)”¹³

Para o ano de 1825, dispomos de dois preciosos testemunhos de viajantes estrangeiros no Brasil: João Maurício Rugendas e Carl Seidler. J. Rugendas fala da “plantação atrás do Corcovado, à beira da lagoa Rodrigo de Freitas, perto do Jardim das Plantas (e diz que era) de seis mil o número de arbustos em 1825. Era, efectivamente, uma pequena plantação. Em 1867, só José do Canto tinha para mais de 3000 plantas.¹⁴ Continuando a citação do alemão Rugendas, repare-se na opinião contrária à da inglesa Graham, (...) Entretanto, afirma-se com certa razão que este chá não tem o gosto requintado e aromático das espécies de primeira qualidade da China; ao contrário, tem ele um gosto acre de terra.”¹⁵ Para este viajante, a tentativa de introdução do chá no Brasil, até então, dera “resultados insignificantes, mas que podem melhorar com o tempo.” Incentiva os brasileiros

a prosseguirem no cultivo do chá.”¹⁶ E, conclui: “(...) A introdução do chá no Brasil ameaça modificar inteiramente esse sistema comercial, tão funesto à Europa.”

Carl Seidler, neste mesmo ano de 1825, tem opinião contrária à do compatriota Rugendas, pois acha que “O chá aqui é pouco inferior ao chinês.” Segundo Seidler, entretanto, não avança, mercê de duas dificuldades. A primeira: “(...) o governo, apesar de finanças completamente derrocadas, acha que não vale a pena um melhoramento dessa espécie, que podia trazer um dia as maiores consequências.” Considera que, além do desinteresse do governo, “(...) os ingleses também fazem quanto podem pra estorvar tais plantações (...)” Não desistindo, lança um repto: “mas será possível que um grande império independente como o Brasil, por meio de medidas enérgicas não possa combater esse vil espírito de especulação de seus hóspedes não convidados?”¹⁷

Não resisto a especular numa eventualidade. Se, a partir de 1825, o Brasil seguindo o conselho de Carl Seidler e de muitos outros tivesse aumentado e melhorado a sua produção de chá, o que teria sucedido ao chá Britânico no Assam e em Darjeeling? Ou ao Holandês de Java? Ainda assim, talvez para tentar avançar na produção do chá, em 1825, expandira-se para o estado de São Paulo o cultivo do chá, onde foi introduzido pelo Marechal José Arouche de Toledo Rondon. “Ele plantou sementes de *camellia sinensis*, trazidas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em sua chácara e, com a ajuda de escravos, cultivou e se dedicou a 44 mil pés.”¹⁸



Mário Moura
Doutor em História
do Atlântico
Universidade dos Açores,
Lugar Areias,
Rabo de Peixe

(Footnotes)

¹ Santos, Luiz Gonçalves dos, *Memória para servir a História do reino do Brasil*, divididas em três épocas da Felicidade, Honra e Glória, Tomo 1, Lisboa, 1825, pp. 140-141.

² Henderson, James, *A History of the Brazil comprising its Geography, Commerce, Colonization, Aboriginal Inhabitants*, London, 1821, pp. 37-38.

³ Idem, p. 139.

⁴ *O Conciliador do Maranhão*, Brasil, 1 de Julho de 1822: 6.

⁵ Graham, Mary, *Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*, tradução e notas de Américo Jacobina Lacombe, Companhia Editorial Nacional, São Paulo, 1956 (1.ª edição Londres, 1825).

⁶ Idem, pp. 179-180.

⁷ Idem, p. 324.

⁸ Um trabalho aponta diferença de datas: Frei Leandro do Sacramento “foi Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, seu primeiro Diretor Botânico, nomeado por S.M.I. o Imperador Dom Pedro I, a 13 de novembro de 1823 (p.101) (...) (p. 102) (...) Foi Diretor do Jardim Botânico de 1823 a 1829. Faleceu a 19 de Julho de 1829.” (Paes, 1983: 100-102).

⁹ Sacramento, Leandro do, *Memória econômica sobre a preparação do chá*, Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1825, Introdução.

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ Idem.

¹⁴ Cf. UACSD/FAM-ABS-JC/Documentação não inventariada (Nestor Sousa), Carta de Alexander Reith, Ponta Delgada, a José do Canto, Paris, 28 de Abril de 1867.

¹⁵ Rugendas, João Maurício, *Viagem pitoresca através de o Brasil*, tradução de Sérgio Millet, Martins Editora, São Paulo, 1940. A primeira edição saiu em Paris em 1935.

¹⁶ Idem, pp. 153-156.

Pois, “as consequências felizes que pode comportar a cultura do chá no Brasil, sua possível influência sobre o comércio do mundo inteiro são de tal ordem que dificilmente se encontraria um assunto mais digno das meditações do governo. Se se considerar que somente a Inglaterra importa mais de três milhões de libras de chá da China e que esse artigo é pago todo ele em piastras, compreender-se-á que o Oriente é o abismo devorador de quase todos os metais preciosos exportados da América para a Europa. As causas da crise extraordinária de numerário verificada há tempos no comércio da Inglaterra e de toda a Europa são evidentes.

¹⁷ Seidler, Carl, *Dez anos de Brasil*, tradução de Gal Bertoldo Klinger, Livraria Martins Editora, São Paulo. A primeira edição saiu em 1835 na Alemanha.

¹⁸ Gracindo, Ina, *Viagem ao Mundo de Chá Tao Te Cha*, Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2013, [s.p.].

EDITORIAL...

Continuação da pág. 1

institutos e empresas de sondagem são tão exatos como uma lotaria.

Estupefação ainda, pela grande ignorância que todos nós, os que vivemos fora dos Estados Unidos, temos daquele país. Mesmo tendo viajado por lá, de norte a sul, por questões profissionais ou de lazer, sobretudo a Costa Leste, desde o Vermont à Florida, os estadunidenses são um grande mistério para mim. É verdade que a mais pequena conversa com um yankee ou um sulista, fora das grandes cidades, nos revela uma falta de informação e de cultura abissais. Certa vez, num restaurante de Cincinnati, decorado com galináceos empalhados, mas dotados de chifres, o que não deixava de lhes dar uma nota original, um americano de meia idade afirmava com toda a candura que no seu estado também já tinham sido vistos galinhas selvagens com cornos... Como diria um comentador francês, o americano médio do interior, não passa de um rústico com um cartão de crédito no bolso. Mas daí a ignorarem a verdadeira natureza do homem que os governou durante os últimos 4 anos e os deixou ao deus-dará durante a pior pandemia da história, depois da gripe espanhola, e que continuem a confiar nele, é deveras surpreendente.

Estupefação também pela cegueira com que o Partido Republicano se tem identificado com o atual ocupante da Casa Branca. Cegueira e surdez. Depois de quatro anos a apoiar os racistas; a governar por Tweets; a manobrar para derrubar todas as proteções sociais; a separar os filhos dos pais que procuram entrar no país como refugiados e a meter as crianças em jaulas; quatro anos de declarações de amor aos piores ditadores da Terra e quatro anos a ostracizar os países aliados; quatro anos a derrubar as instituições democráticas e a utilizar o governo como alavanca para os seus próprios interesses e os da sua família; quatro anos de divisões, violências, de eterno show, como se governar fosse animar o “The Apprentice”. A tudo isso os republicanos teem fechado os olhos, calado a boca e apertado o nariz para suportarem o “homem”! Isto sem contar que Trump baixou os impostos dos ricos e cortou na assistência aos pobres. Aboliu as leis de Obama para proteção do meio e subvencionou as indústrias poluidoras. Mas aqui, nada de novo, isso faz parte da ADN daquele partido.

Ao fechar desta edição, Biden vai à frente com 227 grandes eleitores contra 214 para Trump. Ou seja, 51% dos votos totais contra 48%. Mas mesmo assim já não me vou surpreender se este melodrama se prolongar até ao Natal. Já nada me estupefacta na terra do tio Sam.

ELEIÇÕES NOS AÇORES HAJA SENTIDO DE ESTADO!

Por Osvaldo CABRAL

Sejamos claros: a enorme fragmentação parlamentar da próxima legislatura é um enriquecimento da democracia pluralista, mas pode tornar-se num enorme tormento se todos os partidos não tiverem a noção da responsabilidade e dos desafios que aí vêm para a nossa região.

Em cima da crise que aí vem, juntar uma instabilidade política e falta de sentido de Estado é negar a vontade soberana demonstrada pelos eleitores no passado dia 25 de outubro.

Os açorianos deram uma vitória ao PS, é verdade, mas a maioria do eleitorado preferiu outras escolhas fragmentadas, num bloco à direita dos socialistas, pelo que ambas as partes têm toda a legitimidade para formar um governo.

A questão é saber quem possui as melhores condições para reunir um entendimento entre a maioria, mas com a certeza de que essa maioria é duradoura e consistente para uma legislatura inteira.

Há um aspecto essencial nos próximos anos de que ninguém falou na campanha eleitoral e que tem a ver com a caminhada de sete anos do próximo quadro comunitário, com fundos destinados aos Açores que ultrapassam os 2 mil milhões de euros.

É preciso saber onde vão ser aplicados, quais as prioridades e em que sectores, que modelo vamos escolher e quem irá escrutinar essa distribuição.

Um novo apoio desta dimensão só pode ser assumido por um governo robusto, consistente e com a promessa de que irá durar a legislatura inteira.

Esta é uma condição essencial aos olhos dos eleitores responsáveis.

Daí que o próximo governo terá de assentar na celebração de um acordo escrito, que garanta estabilidade, comprometedor entre todos os seus assinantes, para que não aconteça o que está a acontecer, presentemente, com a “geringonça” nacional em segunda via, por culpa de Marcelo Rebelo de Sousa, que dispensou o acordo escrito e agora está com o credo na boca à beira de uma crise política.

Todos os partidos representados no Parlamento Regional, sem exceção, têm de assumir esta responsabilidade perante os eleitores açorianos, porque os tempos que aí vêm serão de grande aflição.

Quer o PS, quer o PSD, têm este grande desafio pela frente que é conseguir o maior consenso possível no Parlamento, apostando no diálogo permanente com as outras forças políticas e sabendo ouvir os sinais da cidadania, fora dos gabinetes.

O PS está em melhor posição por precisar de menos partidos nesta coligação, mas o seu

trajeto histórico dos últimos anos não augura nada de bom, porquanto comportou-se exactamente ao contrário, não querendo ouvir ninguém, exercendo o poder a seu belo prazer, com toques de abuso e arrogância e sem nenhuma voz crítica no seu interior.

A postura na noite eleitoral foi um desastre discursivo e a prova de que se tornou um vício de falta de humildade, que marcou toda a governação destes últimos anos.

É inquietante que não tenha percebido isto já há 4 anos, quando perdeu 9.500 votos, mantendo, teimosamente, a sua postura imperial, que resultou agora em mais uma perda de 2.500 votos e o adeus à maioria absoluta.

Ao invés, a postura de José Manuel Bolieiro foi surpreendentemente racional, sem precipitações na tentativa de assalto ao poder (como vimos no filme do PS em 2015 em Lisboa), com um discurso sereno e recusando diálogos unilaterais e absolutistas.

Estas duas posturas vão definir muito do que se vai seguir nos próximos dias.

Os dois maiores partidos têm legitimidade para a formação de um governo estável, sendo que o PS, vencedor do acto eleitoral, deve ser o primeiro a apresentar uma solução que garanta estabilidade.

O único problema é que, para tal, terá de convencer um dos partidos da direita.

Estará alguma das formações da direita na disposição de “descolar” do pelotão do bloco a que pertence para se juntar a um partido contra o qual lutou durante estes anos?

Como vai convencer o seu eleitorado deste “desvio”?

Se for em nome da estabilidade governativa e porque não há possibilidade de uma “geringonça” à direita, então será mais fácil compreender o contorcionismo.

Mas se for em nome de troca de lugares ou de benesses clientelares, então corre o risco de uma condenação popular.

Não serão fáceis os próximos dias, mas tudo o que se pede é muita seriedade e bom senso.

Ou há sentido de Estado por parte de todos os interessados em encontrar uma solução governativa e duradoura para o futuro dos Açores, ou então vamos ter eleições antecipadas não tarda nada, com o consequente agravamento da crise política.

Não é o futuro dos partidos que está em causa.

É o futuro de todos os açorianos e das próximas gerações, a quem já deixamos uma herança pouco abonatória.

Basta de olharem para os seus interesses aparelhísticos.

Olhem mais para o povo destas ilhas. **LP**



O SERVIÇO JESUÍTA AOS REFUGIADOS

Por Daniel BASTOS

O Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS) é uma organização internacional da Igreja Católica, fundada no início dos anos 80, sob responsabilidade da Companhia de Jesus, a ordem religiosa mais numerosa de sacerdotes e irmãos da Igreja Católica, à qual pertence o Papa Francisco.

O JRS tem como missão primária “Acompanhar, Servir e Defender” os refugiados, deslocados à força e todos os migrantes em situação de particular vulnerabilidade, estando atualmente presente em cerca de 50 nações.

Em Portugal, onde funciona desde os anos 90, o JRS tem atuado principalmente em áreas ligadas ao apoio social, apoio psicológico, apoio médico e medicamentoso, apoio jurídico, encaminhamento e apoio à integração profissional, alojamento de imigrantes sem-abrigo, em situação de particular vulnerabilidade social (Centro Pedro Arrupe), acompanhamento a imigrantes detidos (Unidade Habitacional de Santo António), Cursos de Língua Portuguesa e ações de formação. Sendo ainda responsável pelo Secretariado Técnico da Plataforma de Apoio aos Refugiados (PAR) e pela gestão e acompanhamento técnico do Centro

de Acolhimento de Refugiados (CATR) da Câmara Municipal de Lisboa.

Atualmente, no âmbito da sua missão e áreas de intervenção, o JRS em Portugal, distinguido em 2014 na Assembleia da República com uma medalha de ouro comemorativa do 50º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, tem-se destacado na ajuda valiosa que presta a imigrantes a encontrar trabalho. Segundo dados dos últimos anos, o JRS em Portugal através do seu gabinete de emprego para imigrantes ajudou mais de um milhão de pessoas a encontrar trabalho, sobretudo oriundas dos países de língua oficial portuguesa (PALOP), em particular de São Tomé e Príncipe e da Guiné-Bissau. E proporcionou formação também a mais de um milhão, nomeadamente no segmento doméstico, como cuidadores de idosos, acompanhamento de crianças e empregadas domésticas, assim como na restauração e na construção civil, entre outros.

Perante a ausência de uma resposta concertada das nações para com o drama atual dos refugiados e imigrantes, o JRS em Portugal e no Mundo, é um exemplo inspirador e prático ao serviço dos mais vulneráveis e desprotegidos, verdadeira essência do ser humano. **LP**

PUBLICIDADE: (514) 835-7199

6327 Clark
Montreal, Qc H2S 3E5



Fax: 514.362.8882
Tel: 514.362.1300

ALUMINIUM VARINA INC.

GRADES DE ALUMÍNIO

GRADES VIDRADAS (INTERIOR-EXTERIOR)

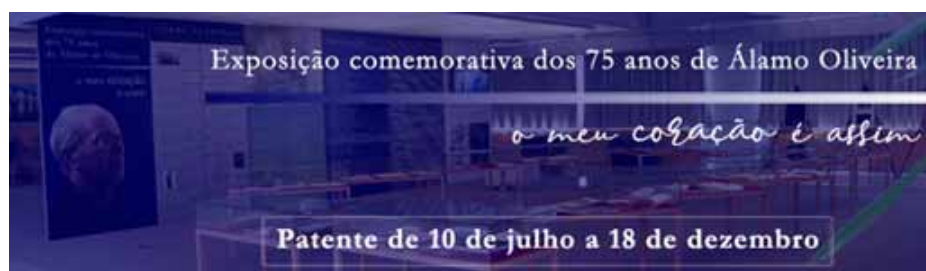
GRADES E ESCADAS SOLDADAS EM ALUMÍNIO

ESCADAS EM CARACOL

COBERTURAS DE ALUMÍNIO E POLICARBONATO

FIBRAS DE VIDRO PARA O CHÃO DAS VARANDAS E DEGRAUS

PORTAS, JANELAS, FACHADAS COMERCIAIS, ETC.



Vamos continuar a nos proteger!



**Tussa em sua própria
manga**



Lave as mãos



Evite aglomerações



Cubra seu rosto

Obrigatório em todos os tipos de transporte público e em locais públicos fechados ou parcialmente fechados para todas as pessoas com 10 anos de idade ou mais.

[Québec.ca/coronavirus](https://quebec.ca/coronavirus)

☎ 1 877 644-4545